



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

LUCINALVA FERREIRA DA MOTA RODRIGUES

**PROCESSOS DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR DAS MULHERES
PESCADORAS DO MUNICÍPIO DE SUMÉ**

**SUMÉ – PB
2013**

LUCINALVA FERREIRA DA MOTA RODRIGUES

**PROCESSOS DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR DAS MULHERES
PESCADORAS DO MUNICÍPIO DE SUMÉ**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo, na área de Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Professora Dra Maria do Socorro Silva

**SUMÉ –PB
2013**

R696p Rodrigues, Lucinalva Ferreira da Mota.

Processos de educação não escolar das mulheres pescadoras do município de Sumé. / Lucinalva Ferreira da Mota Rodrigues. – Sumé - PB: [s.n], 2011.

61 f.

Orientador: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido. Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Mulheres pescadoras – Sumé - PB. Educação não escolar. 2. Organização de mulheres. 3. Educação do campo.
I. Título.

CDU: 37(043.3)

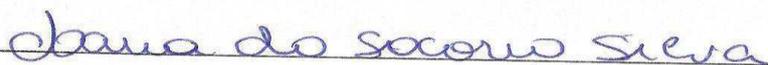
LUCINALVA FERREIRA DA MOTA RODRIGUES

**PROCESSOS DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR DAS MULHERES
PESCADORAS DO MUNICÍPIO DE SUMÉ**

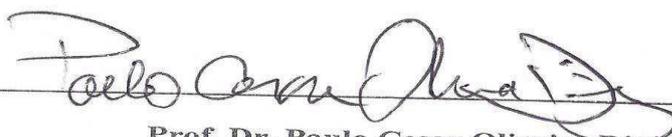
**Monografia apresentada à Universidade
Federal de Campina Grande, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado
em Educação do Campo, na área de Ciências
Humanas e Sociais.**

Aprovada em 26/09/2013

BANCA EXAMINADORA



**Profa. Dra. Maria do Socorro Silva
Orientador**



**Prof. Dr. Paulo Cesar Oliveira Diniz
Examinador**



**Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos
Examinador**

SUMÉ- PB

AGRADECIMENTOS

Ao descrever estes agradecimentos tenho a consciência de que tudo que fiz e faço em minha vida tem a contribuição dos que me rodeiam, isto é o que me faz poder redigir essa página, e para que ela se complete não será difícil lembrar-me de pessoas que pra mim foram importantes no decorrer da minha vida acadêmica que culmina com a conclusão deste trabalho. Em minha concepção, agradecendo estou reconhecendo as inúmeras pessoas que contribuíram, seja com uma palavra de apoio, ensinamento, financiamento, encorajamento, reconhecimento, críticas, aqueles que com um sorriso no rosto em dias difíceis marcaram essa trajetória, aqueles que com uma lágrima no rosto compreenderam minhas ausências.

Agradeço primeiramente a Deus, pois acredito fielmente que toda força e coragem que tenho para desempenhar minhas atividades são providencias dele, e é nele que busco fortalecer-me espiritualmente, é o confidente de minhas causas mais individuais, foi a ele que recorri em dias que pensava em desistir, e é a ele que recorro quanto a coragem que preciso para prosseguir. A Deus e em Deus, estarei eternamente recorrendo e agradecendo, pois nele confio, e sinto-me protegida e guiada.

A minha mãe, Maria José, (in memória) que com sua paciência em seu leito já debilitada, incentivava-me, quando comentava-mos de minha vontade de prestar vestibular , deixando sair de sua fala mansa uma frase jamais esquecida, “vá, você consegue! Você é inteligente”.

A meu pai Antonio Vicente, (Buga pescador) que mesmo sem entender muito desse universo acadêmico procura sempre saber como eu estou “nos estudos” e do seu jeito me incentiva e fica feliz por ter uma filha na Universidade demonstrando a dimensão e grandiosidade do que venha ser uma filha de pescador/agricultor chegar aonde cheguei.

A meus irmãos que não são poucos, mas a qual quero registrar o nome de todos, as Marias: de Fátima, das Dores, José Filha, Aparecida; as Lucias: Ana e Luciana, e a Josirene configurando assim a torcida feminina da família Ferreira/Mota. Aos irmãos homens, Antonio Filho, Gilberto e Luciano que de longe ou de perto estiveram sempre na torcida para que tudo desse certo e conseguisse alcançar mais um objetivo em minha vida, extensivo vai o agradecimento aos cônjuges dessa torcida, aos meus sobrinho(as) a quem tanto primei dar o exemplo, espero não tê-los decepcionado e obrigada pelo apoio.

A meus tios(as) e em especial a minha tia e madrinha Sebastiana (dona nêga) agradeço muito pelo apoio, aos primos(as) não esquecerei os gestos de estímulo.

A meu esposo Josélson pela paciência, a minha filha Camila pelas ausências em momentos tão necessários de sua vida e a Elvis Gabriel a quem meu coração dedica e divide o amor de mãe, a vocês meu muito obrigada cheio de gratidão e esperança de que sempre estaremos juntos seja como for na presença ou na ausência, seremos sempre lembrados uns pelos outros, sempre respeitando nossas diferenças e fortalecendo nossas semelhanças.

Não posso deixar de agradecer aos professores que se dedicaram em ministrar aulas no CDSA, em particular na Licenciatura em Educação do Campo, alguns deslocando-se de tão longe e tendo que se adaptar ao local , esse esforço valeu a pena pois possibilitou-me conhecer e compartilhar conhecimentos científicos e práticos que servirão de pontos reluzentes na minha trajetória de eterna estudante, estou saindo não como entrei, e sim com uma bagagem que a cada dia precisa ser complementada, portanto, meus queridos professores, espero um dia poder reencontrá-los seja nos bancos da Universidade ou nos círculos de amizade construídas por nós, obrigada pelo incentivo! Obrigada por reconhecer as minhas potencialidades!

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência financiado pela CAPES, que além de minha família foi quem me ajudou financeiramente a manter-me no curso, os conhecimentos adquiridos, e as amizades construídas enquanto bolsista foram muito importantes, aqui quero agradecer as escolas conveniadas aos subprojetos, aos coordenadores, supervisores, gestores, estudantes, professores, pessoal de apoio e pibidianos a quem direta ou indiretamente compartilhamos idéias, dividimos tarefas e somamos desafios, o resultado não poderia ser outro senão, essa dimensão que o projeto está tomando, sou feliz por ter feito parte dessa História.

Agradeço também a meus amigos (as) companheiros de Curso, das inexperiências do primeiro dia de seminário no inicio para os dias de hoje muito se passou, foram medos, indecisões, incertezas, discussões, choros, mas também foram muitas alegrias, aprendizagens, e companheirismo na divisão de todos estes sentimentos. Agora é cada um por si e o desejo é de que todos sejamos felizes que nos reencontremos sempre para fortalecer mais ainda os laços construídos, a vocês meus amigos agradeço a amizade, a paciência que tiveram quando a minha faltou, as vezes que dividimos o material quando por algum motivo precisei, as boas risadas que demos juntos, as confidências compartilhadas, as reflexões em torno do conhecimento, vocês são parte da minha História. Sou grata pelo afeto, peço desculpas aos que porventura tenha magoado, aos que neste ultimo período pediram minha ajuda e não pude contribuir. Fica o desejo aqui, que dessas amizades tenham se gerados bons frutos.

E como agradecer então a minha orientadora, Dr. Maria do Socorro Silva que conduziu juntamente comigo não só esse trabalho, mas tantos outros durante minha graduação, “grata querida”, pela dedicação, amizade, por me ajudar a reconstruir minha identidade por meio da reflexão, por apontar os caminhos quando me sentia incapaz, fazendo com que eu pudesse perceber minhas potencialidades e caminhar com minhas próprias pernas.

Juntamente agradeço as pescadoras (es) minhas colegas de trabalho, que se disponibilizaram junto comigo a dar vida a este trabalho e se empenharam em fornecer as informações necessárias e suas experiências de vida. Agradeço aos autores que utilizei suas referências compreendendo assim que me orientaram na realização desta pesquisa colaborando com a academia.

Enfim, meu muito obrigada a todos! Desculpem-me os que não citei, sintam-se agradecidos desde já. Saibam que mesmo os que foram espectadores contribuíram com minha trajetória acadêmica.

CREDO DO EDUCADOR

Creio na educação, porque humaniza,
Busca o novo,
é geradora de conflito,
preparando para a vida.

Creio na educação, porque acredito no homem e
na mulher
como sujeitos de suas histórias,
capazes de construir sempre novas relações.

Creio na educação que, quando libertadora,
é caminho de transformação
para a construção de uma nova sociedade.

Creio na educação que promove e socializa,
que educa criticamente e democraticamente,
levando o ser humano a conhecer a si mesmo e ao outro.

Creio na educação básica do campo, porque recupera e
propõe
a luta, a cultura, o trabalho, a vida e a dignidade
das trabalhadoras e dos trabalhadores do campo.

Creio na educação porque sempre terei o que aprender e
o que ensinar.

Creio na educação como um processo permanente
e dialético
que acompanha o ser humano em toda sua existência.

(Adaptado do IV Cedec, 1995)

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade investigar a contribuição da formação para a organização das mulheres pescadoras do Município de Sumé - PB. A abordagem qualitativa numa perspectiva de pesquisa participante orientou toda a fundamentação teórica e metodológica dos caminhos que percorremos para compreender nosso objeto, e ao mesmo tempo exercitarmos o “estranhamento” devido a familiaridade com a temática pelo fato de também ser pescadora. Na primeira fase realizamos um estudo exploratório que nos possibilitou a discussão com o grupo sobre o projeto e um maior delineamento dos objetivos e contato com as fontes documentais. Na segunda fase a realização da observação, das entrevistas e dos registros no caderno de campo nos suscitou a necessidade de revisão da literatura para aprofundamento das categorias e conceitos. Com o resultado verificamos iniciais de organização, escassez de registros sobre os pescadores organizativos e formativos e as mudanças que estão acontecendo com a visibilidade que o trabalho das mulheres começa a assumir na dimensão organizativa e produtiva. Estes achados nos possibilitou perceber o entrelaçamento entre organização, produção formação na redefinição do papel das mulheres na pesca e conseqüentemente na redefinição de sua identidade de mulher de pescador para trabalhadora da pesca.

Palavras-Chave: Mulheres pescadoras. Educação não-escolar. Organização de mulheres. Educação do Campo.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the contribution of formation to the organization of fisherwomen in the city of Sumé – PB. The qualitative approach in a participative research perspective has directed the whole theoretical and methodological foundation of the paths we have wandered to understand our object, and at the same time to exercise the “estrangement” due to the familiarity with the issue by the fact of being a fisherwoman too. In the first stage, we have realized an exploratory study which has enabled us to make the discussion with the group about the project and a further delineation of goals and the contact with the documentary sources. In the second stage, the performance of the observation, the interviews and the records in the field notebook have raised the need to review the literature for deepening the categories and concepts. With the result we have found initials of organization, scarcity of records about the organizational and formative fishermen and the changes that are happening to the visibility that women’s work begins to assume in the organizational and productive dimension. These findings have enabled us to notice the interlacing between organization, production and formation in the redefinition of women’s role in fisheries and consequently in the redefinition of their identity from a fisherman’s wife to a fishing worker.

Key-words: Fisherwomen. Non-school Education. Women Organization. Countryside Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa da Paraíba destacando Sumé.....	32
Foto 1	Acolhida.....	41
Foto 2	Trabalho de grupo.....	41
Foto 3	Oficina de produção de alimentos.....	43
Foto 4	Empanado de peixe.....	44
Foto 5	Buchada de peixe.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDSA	Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido
COOPAGEL	Cooperativa dos Profissionais em Atividades gerais
COPESCA	Colônia de Pescadores e Aquicultores
CONTAG	Confederação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
FPR	Formação Profissional Rural
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência
PS	Promoção Social
RGP	Registro Geral de Atividade Pesqueira
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	AS BÚSSOLAS QUE NOS ORIENTARAM: FUNDAMENTOS PARA ENTENDER O OBJETO DA PESQUISA.....	17
2.1	A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	17
2.2	A ORGANIZAÇÃO SOCIAL: EMPODERAMENTO DAS MULHERES PESCADORAS	22
2.3	A EDUCAÇÃO POPULAR COMO FUNDAMENTO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.....	24
2.3.1	O papel educativo dos movimentos sociais	26
3	OS REMOS QUE NOS AJUDARAM A REMAR: CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	31
3.1	A ABORDAGEM QUALITATIVA	31
3.2	CAMPO DA PESQUISA.....	32
3.3	SUJEITOS DA PESQUISA.....	34
3.4	PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	35
3.4.1	Observação participante.....	36
3.4.2	Caderno de campo.....	36
3.4.3	Análise documental.....	36
3.4.5	Entrevista.....	36
3.4.6	Análise do material.....	37
4	OS VENTOS QUE SOPRAM O BARCO: OS FORMADORES DAS MULHERES PESCADORAS.....	39
4.1	CUNHÃ COLETIVO FEMINISTA.....	39
4.2	SENAR.....	42
5	AS REMADAS DA MUDANÇA: NOVOS APRENDIZADOS.....	46
5.1	A VIDA NA PESCA.....	46
5.2	DE MULHER DE PESCADOR A MULHER PESCADA.....	47
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52

REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM LIDERANÇA DA ASSOCIAÇÃO DOS PESCADORES.....	56
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PESCADORAS.....	58
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A ARTICULADORA CUNHÃ	60

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como finalidade investigar a contribuição da formação para a organização das mulheres pescadoras do município de Sumé, localizado na região do Cariri Paraibano. A escolha por este objeto de pesquisa teve uma motivação teórica-prática, que se originou no meu itinerário pessoal e familiar.

A escolha de um objeto de pesquisa para um trabalho de conclusão de curso me parecia algo difícil logo no início, porém, à medida que o curso foi se desenvolvendo fui tendo oportunidades de compreender os referenciais de pesquisa e as diferentes problemáticas que poderiam ser investigadas, restando apenas a difícil tarefa de escolher, apenas um, e foi durante a realização do Estágio Curricular Supervisionado I, que acontece em organizações não escolares, que comecei a visualizar a organização das mulheres pescadoras do município de Sumé como campo de investigação.

Isto não foi de imediato, na verdade a escolha se confunde um pouco com a própria implementação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, e minha entrada nele, pois reconheço a grande contribuição deste curso para minha auto afirmação enquanto mulher pescadora, desta forma, me senti a vontade e sem medo de dizer quem sou a quem quer que seja, é tanto que percebi quem realmente fui durante toda minha vida – mulher pescadora, trabalhadora pescadora, pescadora universitária.

Estudar sobre os pescadores e pescadoras me proporcionou voltar ao passado, e buscar boas e difíceis lembranças, seria diferente se não tivesse tido a oportunidade de nascer em uma família de pescadores, e desde cedo fazer parte deste mundo de muito trabalho e pouco reconhecimento.

De uma família numerosa, onde nasceram 16 filhos, e se criaram 11 sou a caçula. Como é tradicional nas famílias do Nordeste os filhos já crescem aprendendo o ofício do pai, na minha família não foi diferente, os meninos ajudando o pai, e as meninas ajudando a mãe, e por vezes o pai, desta forma foram muitas às vezes em que enfrentávamos, eu e minhas irmãs, o ofício de remar canoa para meu pai ou um dos irmãos colocarem redes no açude público de Sumé. As atividades não se resumiam a isto, lidar com o pescado nunca foi difícil para nós, sabíamos de tudo, tratar o pescado e, salgar, nos tempos que não tínhamos auxílio da eletricidade, guardar, tudo sob o olhar atento do genitor que as segundas-feiras trazia toda mercadoria para vender no mercado público e voltava para casa com produtos que não produzíamos as margens do açude.

Durante muito tempo toda a família organizou-se em torno dessa fonte de renda, embora no caso das mulheres não era reconhecida como profissão, conseqüências do próprio reconhecimento da identidade recordo-me com nitidez, as vezes que acompanhei minha mãe nos dias de matrículas, e quando perguntado da profissão, ela respondia: “ é agente não trabalha em canto nenhum não! A gente pesca/planta”, isto era o suficiente para pelo menos no papel, ser agricultor ou dona de casa. Recordo-me que ter profissão parecia associada ao trabalho assalariado, embora, já houvesse nesta época, um rigoroso sistema de fiscalização quanto a produção do pescado, implementado pelos órgãos governamentais que administravam o manancial.

Hoje, como educanda de um Curso que surge da força dos movimentos sociais do campo é que percebo quanto os trabalhadores da pesca ficaram despercebidos ao longo dos tempos, principalmente as mulheres pescadoras que em grande maioria eram vistas como esposas ou filhas de pescadores, e não identificadas como trabalhadoras, que: produzem e desenvolviam atividades na pesca junto com os homens e por isto merecem ser vistas pela sociedade e pela academia, saindo da invisibilidade do trabalho nas águas e de um trabalho que é considerado masculino.

A entrada e permanência na Licenciatura em Educação do Campo possibilitou um despertar na consciência da identidade de classe, na reflexão sobre a necessidade de articular os processos educativos escolares e não escolares para formação dos sujeitos do campo e a necessidade de dar visibilidade política e acadêmica aos sujeitos pescadores, especialmente, as mulheres pescadoras, que ainda se encontram sem reconhecimento enquanto produtoras e trabalhadoras das águas. Portanto, como sujeitos de direitos, no espaço social e global, suas ações merecem ter espaço e reconhecimento, e nada mais justo que elas mesmas falem sobre essas ações enfocando suas experiências de trabalho e de organização, e como os processos formativos contribuem para isto.

O envolvimento com o objeto da pesquisa nos levou a escolha da pesquisa participante¹ como abordagem para realização deste trabalho, este tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas.

Nosso pressuposto era de que estava ocorrendo um processo de mudanças na vida das mulheres pescadoras, decorrente de sua organização na associação. Assim, levantamos algumas indagações que buscamos responder ao longo do trabalho: Como se iniciou o processo de

¹ A pesquisa participante foi sistematizada por Bronislaw Malinowski: para conhecer os nativos das ilhas Trobriand, ele foi se tornar um deles. Rompendo com a sociedade ocidental, montava sua tenda nas aldeias que desejava estudar, aprendia suas línguas e observava sua vida cotidiana.

organização das mulheres pescadoras no município de Sumé? Qual a contribuição da formação para as mulheres pescadoras? Quais as mudanças que tem ocorrido no trabalho das mulheres pescadoras?

Estes pressupostos e questões definiram como objetivo geral desta investigação: Identificar na percepção das mulheres pescadoras a contribuição do processo formativo para sua organização política e econômica, e especificamente, caracterizar o processo de organização dos pescadores do município de Sumé, destacando a organização das mulheres pescadoras e mapear e analisar os processos formativos desenvolvidos com as mulheres pescadoras.

O universo da pesquisa foram as Mulheres Pescadoras do Município de Sumé, organizadas no Grupo Art's Pesca, que faz parte da Associação dos Pescadores Aquicultores e Produtores Rurais deste Município. Esta associação localiza-se no bairro do Carro Quebrado, foi organizada a partir de 2004, e obteve seu registro em 2005. A Associação é afiliada a Colônia de Pescadores e Aquicultores z-25 "Paulino Pereira de Araujo" – COPESCA, com sede no Município Camalaú Paraíba.

A pesquisa de campo foi realizada nos meses de junho a setembro de 2013. Foram escolhidas lideranças da associação para entrevista.

Considerando os objetivos deste trabalho, buscamos diferentes procedimentos e instrumentos, tais como: estudo exploratório para que pudéssemos diagnosticar aspectos do ponto vista de estrutura física, social, e organizativo da associação e do Art's pesca, a observação participante que possibilita uma aproximação direta com a realidade, a entrevista visando à busca de informações através do diálogo e a análise documental que possibilitará uma visão das atividades desenvolvidas no contexto da associação.

A inserção no processo produtivo agora não mais no açude na pesca, mais sim com o beneficiamento do pescado e da fabricação do artesanato com as sobras do peixe, gerou a necessidade de formação que pudesse subsidiar o trabalho desenvolvido, o que levou ao encontro com as parcerias para o trabalho formativo. Os eventos organizados pela associação contam sempre com o apoio da colônia de pescadores (capacitações). A mesma participa com representação no conselho municipal do desenvolvimento rural, fóruns do território entre outros. A organização interage nas discussões das políticas públicas para o campo, conta também com apoio da Marinha, Ministério do Trabalho, Coopagel, SEBRAE e Prefeitura Municipal de Sumé

Esta monografia organiza-se em quatro capítulos que tratam das seguintes questões:

No primeiro capítulo, registramos as bússolas que nos orientaram para entender esse objeto: Educação do Campo enquanto prática educativa escolar e não escolar, que busca recuperar os educadores e educandos como sujeitos sociais e culturais; educação popular e organização social como contribuição nos fundamentos de diferentes práticas educativas não-formais.

No segundo capítulo estão delineados os caminhos metodológicos apresentados pela pesquisa qualitativa com alguns elementos do método dialético, ao ter como ponto de partida, a realidade, a experiência e o trabalho das mulheres pescadoras. Focando instrumentos metodológicos e procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa.

No terceiro capítulo, trouxemos os sujeitos formadores das mulheres pescadoras evidenciando a diferença de concepção finalidade e praticas dos mesmos.

No quarto capítulo será desenvolvido análise dos resultados focando os achados que tivemos no decorrer da pesquisa.

Por fim, levantamos algumas considerações gerais acerca dos achados durante a investigação.

2 AS BÚSSOLAS QUE NOS ORIENTARAM: FUNDAMENTOS PARA ENTENDER O OBJETO DA PESQUISA

Desenvolver esta pesquisa foi uma forma de compreender o processo educativo presente nos movimentos sociais e suas contribuições para o desenvolvimento profissional, organizativo e social das mulheres pescadoras. Posto isto, é essencial que possamos considerar o contexto que permite esses processos educativos se fazerem presentes aos movimentos sociais e também referenciar o interesse do Ensino Superior, quando da aproximação e da abertura para construção do conhecimento sobre este tema.

Nesta perspectiva duas questões estão postas: a primeira é a de que existe uma organização social das mulheres pescadoras, e que isto, vem modificando sua inserção na produção, e gerando um processo educativo. A noção de organização social aqui entendida como as organizações que impulsionam lutas, e que não tem fins lucrativos, e se estruturam como associação civil (Silva, 2004, p. 41); e a segunda é a de que o paradigma da Educação do Campo tem uma grande contribuição a dar para estes processos organizativos e educativos que se desenvolvem junto às mulheres pescadoras ao resgatar a importância dos sujeitos e da sua realidade na prática educativa.

Para isto trabalhamos alguns conceitos neste trabalho: Educação do Campo, Educação Popular e Organização Social.

2.1 A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Educação para os camponeses se origina no Brasil não como está posto hoje, para podermos compreender como foi se constituindo precisamos retomar um pouco a História da educação em nosso país. Em primeiro lugar precisamos analisar como foi se dando o processo, bem como, a forma que os Povos do Campo² foram sendo integrados nas propostas de educação.

A Educação Rural enquanto terminologia e modelo de escola iniciam-se no Brasil a partir do Estado Republicano, quando o discurso jurídico político-educacional brasileiro, propõe

² Usamos este termo para nos referir a diversidade de sujeitos do Campo conforme define a Educação do Campo e seu marco normativo, tais como: agricultores familiares, assentados e acampados da reforma agrária, pescadores artesanais, quilombolas, assalariados rurais extrativista..

ações governamentais para as populações rurais como forma de enfrentar o êxodo das populações rurais, de deter o êxodo e acelerar a industrialização gerou uma escola descontextualizada a realidade do campo e de sua população, acentuado para as cidades, o caráter educativo estaria pautado no desenvolvimento cultural das pessoas, e na erradicação do analfabetismo com o propósito da modernização. A partir da segunda década do século XX, com a necessidade de mão de obra qualificada para atuar no novo modelo econômico “industrial” a educação passa a ter uma preocupação nacional, e a “educação rural” é vista como alternativa de melhorar as condições de vida e fixar o “homem do campo” (CARLOS; VICENTE, 2011, p. 27,28).

A partir de então, podemos observar como o debate da Educação Rural se acentua, inclusive em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação ao trazer educação como direito do cidadão e dever do Estado, coloca a educação rural como valorização dos sujeitos, portanto, como forma de ajudar o Brasil a se modernizar. A considerar:

[...] A construção de um sistema nacional de educação, a universalização a gratuidade e obrigatoriedade da educação escolar , a qualidade da educação , a profissionalização do educador, o ensino laico, a organização de planos e diretrizes curriculares nacionais, o desenvolvimento de métodos apropriados de ensino, a centralidade do trabalho, a valorização da cultura e dos contextos locais, o reconhecimento das diferenças individuais, a distinção da educação do campo e da cidade,[...] (CARLOS, VICENTE, 2011, p. 29)

Em 1934, no texto constitucional, a educação rural foi assegurada através de financiamentos para complementar o pagamento dos professores, onde cabia a união, estado e municípios assegurar porcentagens dos recursos para tal financiamento. Constituição de 1937 atribui a necessidade de integrar as pessoas a partir da qualificação técnica, e mais uma vez a proposta era de inserir o homem do campo ao mercado de trabalho urbano e industrial..

Ao que parece, toda essa conjuntura proporcionou em 1946 a Criação da Lei Orgânica do Ensino Agrícola, voltado principalmente aos interesses da oligarquia rural Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN) traz consigo uma preocupação voltada para educação rural, como vemos, este paradigma da Educação Rural surgido pelas iniciativas governamentais é de modernizar a mentalidade intrinsecamente preocupada com o êxodo rural e suas conseqüências.

As duas décadas finais do século XX há uma “Ressignificação do conceito de educação rural” para o que se entende hoje como “educação do campo” com a constituição de 1988 e a LDB (Lei nº 9394/96) são asseguradas as diretrizes para as escolas de educação básica do campo (CARLOS; VICENTE, 2011, P. 29-34). A LDB no artigo 28 garante que:

Na oferta da Educação Básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural ;

II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas ;

III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.

(CARLOS; VICENTE ,p. 35-36)

O debate inicial da educação do campo surge a partir da “reflexão e mobilização do povo”, na tentativa de ter uma educação que considere no processo educativo as especificidades do campo, esta idéia é fomentada ao final do “ I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária, realizado no ano de 1997 pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais em Brasília, e conta como apoio de diversos parceiros, Universidade de Brasília - UnB, Fundo das Nações Unidas para a Infancia - Unicef, Organizações das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - Unesco, Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, os representantes planejaram e intitularam a luta que surge com o título “ por uma Educação Básica do Campo” que articula representações de todos os Estados brasileiro com o objetivo de discutir especificamente uma educação para os que “vivem no campo e do campo, que leve em conta a cultura, as características necessidades e sonhos” destes povos. É importante considerar que o evento surge como gerador para as discussões sobre a temática e considera os debates iniciados nas esferas Estaduais por diferentes organizações.

A educação em discussão “sobretudo, deve ser educação, no sentido amplo de *processo de formação humana*, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais” , portanto a perspectiva de educação do campo tratada aqui é a “ educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam camponeses, quilombolas, indígenas, assalariados,” ou aqueles que de certa forma tenha vínculos com atividades rurais, (KOLLING; NÉRY; MOLINA, 1999).

Portanto Educação do Campo é definida como:

[...] toda ação educativa desenvolvida entre os povos do campo, “incorporando os povos e o espaço da floresta, da pecuária das minas, da agricultura, os pesqueiros, caçaras, ribeirinhos e extrativistas”, e fundamenta-se nas práticas sociais constitutivas dessas populações: Seus conhecimentos, habilidades sentimentos, valores, modo de ser e de produzir, de se relacionar com a terra e formas de compartilhar a vida. (SILVA, 2009, p.74).

Uma característica presente na luta por uma educação do campo é a atuação dos próprios sujeitos do campo, que firmemente buscam efetivar políticas públicas, que venha a garantir

educação como direito, considerando as pessoas como cidadãos que vivem no lugar e na relação com este construindo e reconstruindo saberes nas distintas identidades, o povo não quer mais políticas compensatórias, portanto, o “ movimento por uma educação do campo se afirma como um basta aos “pacotes” e á tentativa de fazer das pessoas que vivem no campo instrumentos de implementação de modelos que as ignoram ou escravizam” (CALDART, 2002)

Como decorrências destas lutas temos a aparição em 2002 das Diretrizes Operacionais para as Escolas do Campo, colocando a educação como direito e dever do Estado para os povos do Campo, e propondo políticas educacionais do campo e programas que venham a valorizar e efetivar as especificidades educacionais, (CARLOS, VICENTE P. 38-39).

Contudo não basta ter a lei, a efetivação da Educação do Campo surge a partir das reivindicações dos povos do campo por uma educação que nela contemple dimensões tanto escolar como cultural, articulados a convivência sustentável. Assim Lunas e Rocha dizem que:

[...] as bases da luta por uma “Educação do Campo“ é fruto de uma mobilidade social e históricas de lutas e reivindicações que vem acontecendo desde a década de 60, a partir da proposta de pedagogia libertadora de Paulo Freire e ampliada pelo protagonismo dos movimentos sindicais do campo, movimentos e organizações sociais de educação, escolas de formação política entre outras.[...]. (LUNA; ROCHA, 2009, p. 18).

É de fundamental importância fazer referência aqui, que a Educação do campo não se restringe apenas a dimensão escolar, ela contempla outras dimensões. Para Silva (2010) os processos educativos são efetivados através de diferentes iniciativas, tais como:

EDUCAÇÃO FORMAL- são aquelas iniciativas dirigidas á escolarização da população nos diferentes níveis de ensino [...] organizada pelo sistema público, privado ou comunitário; EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, – são aquelas iniciativas dirigidas para organização comunitária, produtiva sindical, política cultural, religiosas, geralmente organizadas pelos movimentos sociais e sindicais, ONG, pastorais e outras entidades da sociedade civil; EDUCAÇÃO INFORMAL – todo o processo formativo que ocorre na família, nos grupos de amigos, através de meios de comunicação, atividades recreativas.(SILVA, 2010, p.7).

A Educação do Campo enquanto uma concepção político-pedagógica orienta-se pelos seguintes princípios:

Os princípios da Educação do Campo permeiam os “saberes técnicos, humanos e ambientais” que venha a garantir o “desenvolvimento sustentável”, campo este que cada vez mais precisa se adequar as exigências da preservação ambiental, “ O fortalecimento de novos valores e nova sensibilidade” pautado no respeito mutuo entre a diversidade e o amor a terra; “

considerar as diferenças dos grupos humanos” levando em conta as múltiplas formas de “relação com a terra” e “valorizar os saberes dos diferentes sujeitos” considerando todas as pessoas de todas as idades gênero.

Como desafio o movimento “Por uma Educação do Campo” considera as seguintes propostas para o novo governo:

Implementar um programa para todos os educadores e educadoras do campo, de nível médio e superior, [...] Ampliar a educação de jovens e adultos [...] Realizar a formação técnicas [...] dos trabalhadores e trabalhadoras do campo [...] Implementar políticas públicas de valorização profissional das educadoras e educadores do campo [...] Realizar concurso público para a seleção de professores e professoras do campo [...] produzir materiais didáticos-pedagógicos [...] Construir e manter escolas no campo: [...] Equipar: [...] Incentivar programas de pesquisa que contemplem o campo, [...] Divulgar as Diretrizes Operacionais para Educação Básica do Campo [...] Criar no MEC uma secretaria [...] da educação do campo. [...] Realizar oficinas e seminários. [...] Valorizar práticas inovadoras de escolas do campo. [...] Garantir Gestão democrática [...] Escolas Agro técnicas e técnicas [...] Criar políticas de financiamento para as Educação do Campo [...] Definir [...] as responsabilidades das diferentes esferas do poder público em relação ao financiamento [...] Garantir continuidade e ampliar o PRONERA [...]. (DECLARAÇÃO 2002).

Portanto, quando estamos falando em Educação do Campo, todas estas propostas acima citadas estarão sendo evidenciadas como Direito Humano dos Povos do Campo a educação.

Desde que ingressei no Curso de Licenciatura em Educação do Campo pude observar que existia uma valorização voltado, para os sujeitos do campo, no decorrer do Curso cada vez mais isso foi ficando presente, e a partir de então consegui compreender que ter as leis é apenas um direito de cidadania, mas realmente o que faltava era o auto reconhecimento como sujeito atuante e participativo, faltava o que Silva (2009, p.75) referencia como, reconstruir uma identidade na relação com o trabalho e a cultura, assim sendo ao olhar para traz pude observar a relação entre cultura/trabalho que perdura até os dias atuais na relação com a família e a sociedade a qual estou inserida.

Desta forma, a licenciatura proporcionou-me um campo de possibilidades de expressão, valorização do trabalho e da minha História de vida, não só no aspecto profissional e individual, mas na relação deste com o projeto coletivo da classe que pertenço, buscando sempre efetivar a emancipação humana, pois é assim que,

[...] a educação entendida como formadora de sujeitos [...] tem de estar enraizada na cultura, no processo que nos faz homens e mulheres responsáveis e livres, capazes de refletir sobre sua atividade, de ver e corrigir os erros, de cooperar e relacionar-se eticamente, e precisa estar centrada no campo dos direitos, da educação como bem social. (SILVA 2009, p. 75)

E foi a partir dessa forma de pensar e agir que consegui visualizar em meu contexto social o quanto estava inerte com relação a mim mesma, desta forma passei a agir com outra perspectiva tanto individualmente como coletivamente, sempre na tentativa de valorização profissional e cultural, (re) construindo, a identidade adormecida dentro de mim e percebendo a importância de identificar e estudar os processos educativos que se desenvolvem junto aos pescadores e pescadoras

2.2 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL: EMPODERAMENTO DAS MULHERES PESCADORAS

A perspectiva de movimento social populares surge no Brasil por “fins do período militar, em antagonismo” a ditadura militar, concomitantemente “construir uma identidade específica” é um movimento que surge diferentemente do movimento sindical (ANDRADE, 2004). Este fazendo referencia a Sousa (1999) coloca que os movimentos sociais populares,

são grupos de pessoas com posicionamentos políticos e cognitivos similares, que sentem parte de um conjunto, além de se perceberem como força social capaz de formar interesses frente a posicionamentos contrários de outros grupos. Pessoas que agem, afirmam posições e se sentem vinculadas. Expressam-se como correntes de opiniões sobre diversos cantos de existências individual e coletiva, sobretudo dos segmentos sociais explorados, oprimidos e subordinados (...) são força social atuante que se manifesta através de organizações e grupos de diversas e divergentes naturezas amplitude e vigor (ANDRADE 2004, p.19. *apud* SOUSA 1999)

Portanto são grupos que buscam incessantemente efetivar o direito de se expressar enquanto sujeito que, partindo da reflexão feita da realidade individual e coletiva se reconhecem e organizam-se, com o intuito de encontrar solução para os problemas do grupo, mesmo que isto demande se posicionar contrária ao que está posto, a lei agora é unir forças coletivamente em busca de melhorias e efetivação dos direitos e deveres.

Segundo Mattos (2003 p.11) desde que o país, teve como presidente uma pessoa oriunda dos movimentos de lutas é necessário que se faça uma “reflexão” sobre as organizações no que se refere a estrutura, interesses e conquistas. Para tanto como pontos de reflexão o autor provoca para observação do tipo de organização política existente e suas características.

Tendo em vista a compreensão do processo educativo das mulheres pescadoras no contexto das formações que as mesmas participam, é essencial que seja enfatizado como essas estão agrupadas, e como se organizam.

Nessa perspectiva é primordial que analisemos algumas categorias organizativas existente na sociedade, Mattos (2003 p.14) traz pelo menos três a serem analisadas, a qual ele denomina como “níveis de organização social”, e referencia as seguintes “ A organização de massa, a organização institucionalizada e a Organização de base”, para ele estas três categorias “compreendem a complexidade dos diversos âmbitos da estrutura da social”, e apesar de serem diferentes estão “ imbricados” entre si na sociedade.

Cada um desses níveis apresenta características diferentes e possibilitam diagnosticar como se apresentam as organizações sociais.

A primeira refere-se a “organização de massa” que em termos quantitativos apresenta um número considerável de pessoas envolvidas, sem necessariamente especificar grupos ou subjetividades, o que prepondera é o anonimato levando os envolvidos a se organizarem em torno de objetivos políticos que é comum a “massa”, como por exemplo, as recentes mobilizações que vivemos este ano em nosso país.

Para (MATOS 2003, p.15), [...] É nesse nível de organização que se estruturam as lutas políticas que inscrevem a ação dos movimentos sociais [...] dinamizando a vida política do nosso país nas duas ultimas décadas[...]. I isto posto, precisamos atentar para os emaranhados que este tipo de organização pode ocasionar, continua Matos:

[...] no sentido negativo [...] Essas abordagens mobilizam o lado impulsivo do comportamento humano [...] que sacralizam e demonizam figuras publicas ou posturas políticas. [...] contam cada dia mais com as tecnologias do marketing político, [...] imagens, cores e símbolos marcantes, palavras de ordem e músicas que tocam fundo no plano emocional. (MATOS. 2003, p.16)

O segundo nível de organização refere-se a “organização institucionalizada”, a este tipo, é atribuído certo nível de formalidade “com base em contrato sociais” que determinam normas, direitos e deveres no meio social,

[...] A constituição, em nível nacional, a estrutura funcional do aparelho do Estado, as empresas privadas e os códigos que as regem, os partidos políticos, os contratos de trabalho, os sindicatos e os próprios movimentos sociais (mesmo os que não tem personalidade jurídica) são exemplos de organização institucional[...] (MATOS, 2003, p.17).

Algumas características deste modelo de organização devem ser referenciados como exemplo, Matos (2003) chama a atenção para o sentido dialético do processo da democracia envolvendo as “contradições” como base da organização e o “conflito criativo” como perspectiva de mudanças, a forma de exercer a cidadania por meio de representantes que

decidem e falam em nome da maioria. Como por exemplo, os sindicatos de categorias profissionais, as associações e cooperativas.

Neste tipo de organização encontramos também em nossa sociedade, e que tem relação com os sujeitos da pesquisa as organizações não governamentais. O desenvolvimento de atividades educativas por parte das ONGS fazem parte da rotina das mulheres pescadoras, pelo menos, uma vez ao mês. Para melhor entendimento

[...] As ONGs se organizam com equipes profissionais mais estáveis e com financiamentos das ações maiores e mais definidos, majoritariamente de agências internacionais. Notabilizam-se por sua capacidade técnico-propositiva, a partir da qual ganham legitimidade, e por não dependerem de mecanismos internos de representatividade [...] (SILVA,2004, p. 42)

A associação de pescadores pelo que identificamos em nosso estudo vem aos poucos se institucionalizando; constituindo-se de regimento, eleições para diretorias e registros de atas, embora, ainda apresente uma certa fragilidade organizativa quanto a este aspectos.

No terceiro nível, a "organização de base", MATOS (2003, P.21) considera, o exercício democrático de forma "direta", pelo qual;

[...] os indivíduos podem falar por si mesmos em pequenos coletivos locais, em última instância, a base se constitui nos núcleos comunitários ,nas relações de vizinhança, nos coletivos em comum, nos grupos de trabalho, nas lutas conjuntas, onde as pessoas se conhecem mutuamente, se relacionam diretamente, umas com as outras e não por intermédio de representantes; escutam-se mutuamente, desenvolvendo laços afetivos construindo juntas suas historias individuais e coletivas. (MATOS,2003, p. 21-22).

Com base em Matos (2003) a organização social exige uma análise desses três níveis que, ao mesmo tempo em que são diferentes, elas estão entrelaçados no meio social, portanto, algumas características de níveis de organização diferentes foram evidentes na instituição observada.

2.3 A EDUCAÇÃO POPULAR COMO FUNDAMENTO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

A grande preocupação neste tópico será o de esclarecer a luz de alguns autores sobre qual educação, este trabalho se propõe analisar. Para tanto é essencial, compreender alguns conceitos de educação, sobretudo a educação que ocorre no campo investigado.

Compreender um processo educativo no espaço de associação demanda uma concepção de educação diferenciada a qual estamos usualmente acostumados, neste sentido cabe aqui evidenciar que o processo de educação que estamos propondo investigar é a educação não-formal.

A Educação Popular, portanto, traz uma contribuição significativa na organização e nos fundamentos de diferentes práticas educativas não formais, “é entendida como formação, como apropriação racional e sentimental da realidade pelas pessoas, pelos educadores pelos militantes”. (FREIRE, JARA, REZENDE, 2003), nesta perspectiva a formação tende a ajudar as pessoas a refletir e agir, dentro de sua realidade.

Para Wanderley (2010) existem “diversas orientações de educação popular, na América latina” a citar, “educação popular, com orientação de *integração*, com orientação *nacional-populista* e com orientação de *libertação*”. Estas por vezes são vistas como “orientadoras ou recuperadoras”. Para tanto o mesmo autor faz as seguintes considerações em torno do que considera cada tipo:

[...] de *integração* (educação para todos, extensão da cidadania, eliminar a marginalidade social, superar o subdesenvolvimento etc); com orientação *nacional-populista* (dinamizado no período dos governos populistas, buscava mobilizar setores das classes populares para o nacional-desenvolvimentismo, homogeneizando os interesses divergentes na consecução de projetos de desenvolvimento capitalista, pretendido como autônomo, nacional e popular) de *libertação* (busca fortalecer as potencialidades do povo, valorizar a cultura popular, a conscientização, a participação, que seria concretizadas a partir da troca de saberes entre agentes e membros das classes populares, e realizar reformas estruturais na ordem capitalista). (WANDERLEY, 2010, p.21).

Para Silva (2009) a educação para o desenvolvimento sustentável e solidário tem origem em diversas fontes, dentre as quais destaca: a pedagogia de Paulo Freire, as correntes construtivistas da psicologia e teóricos da pesquisa ação.

Neste sentido, iremos aqui fazer referencia a educação popular como perspectiva libertadora citando fundamentos como propostas metodológicas, a saber: “ a prática como ponto de partida”, é das vivencias e da reflexão que dá origem ao processo de educar, “construção coletiva do conhecimento”, parte do pressuposto que todos sabem algo que pode ser compartilhado , e coletivamente construir novos saberes, “ vivencia de relações horizontais entre educador e educando” construindo conhecimento juntos professor e educando sem querer repetições de respostas previamente estabelecidas, “ considerações de todas as dimensões da vida” onde a afetividade fará parte da construção do conhecimento; “ desencadeamento do efeito multiplicador” parte da “construção de sujeitos autônomos” capazes de tomar decisões baseado em suas percepções; “construção de um projeto político” baseado nos aspectos dos

direitos e deveres como sujeitos envolvidos e engajado em um projeto de vida. (FREIRE, JARA, REZENDE, s.d.).

Essa concepção influenciou as práticas educativas que se iniciaram no Brasil a partir dos anos 1960, e que constituíram os movimentos de Educação e Cultura Popular, e são retomados a partir de 1980, com a redemocratização do país, a rearticulação dos movimentos sociais e o surgimento de organizações não governamentais identificados com as classes populares, (GOHN, 2008)

A educação não formal no Brasil não teve tanta importância por parte dos educadores e das políticas públicas, até por volta de 1980, acontecendo em espaços que não configurava a escola “ tratava-se de programas ou campanhas de alfabetização” com interesse de inserir as pessoas no contexto urbano e industrial e controle social. É só a partir dos anos 90 que esta educação passa a ter destaque, em decorrência “das mudanças ocorridas na economia na sociedade e no mundo do trabalho”, não só essas mudanças órgãos internacionais começaram a se preocupar com a questão - “ONU e a UNESCO ”- e elaboram na “Tailândia” documentos que tratam do assunto denominado “ declaração mundial sobre educação para todos ” tratando de “ plano de ações para satisfazer as necessidades básicas da aprendizagem”. (GONH, 2008).

2.3.1 O papel educativo dos movimentos sociais

Conforme nos coloca Gohn (2005) e Arroyo (2003) os movimentos sociais possuem uma dimensão educativa importante para a formação dos sujeitos que os compõem.

Assim, para Gohn (2005, p. 17), o processo educativo dos movimentos sociais, “*se constrói na prática de várias formas, em vários planos, e em dimensões que se articulam, sem determinar grau de prioridade*”.

Arroyo, (2003) foca como dimensão bastante significativa “ o aprendizado dos direitos”, segundo ele a “exclusão” das camadas populares aos serviços públicos fez com que surgissem mobilizações em busca destes direitos, que permeiam várias áreas seja na “educação, saúde, moradia, terra, teto, segurança, proteção da infância”, e é dentro dos movimentos sociais que ocorre essa dimensão com maior evidencia.

Em geral, este processo se dar pela educação não-formal que propõem um ensino aprendizagem a partir das vivencias dos cidadãos em conjunto com os grupos a qual pertencem, para esta perspectiva educativa (GONH, 2008,p.98) enfatiza que o grande destaque que a educação não formal passou a ter nos anos 1990 decorre das mudanças na economia, na

sociedade e no mundo do trabalho, ressalta ainda quatro “áreas de abrangência” desta educação:

O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, [...], o processo que gera a conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses [...]. O segundo a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio de habilidades [...]. O terceiro, a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comuns, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos [...]. O quarto, e não menos importante, é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados. [...] (GONH, 2008, p. 98-99)

De acordo com a citação acima esta educação tem como objetivo o incentivo a prática da cidadania pensada a partir do coletivo, de um determinado grupo social. (GONH, 2008, p. 102), buscando sempre o fortalecimento tanto nos aspectos individuais como coletivo.

Assim podemos considerar como contribuições educativas presente nos movimentos sociais e que fazem parte das aprendizagens dos envolvidos as seguintes categorias:

a) Organização política

A primeira dimensão refere-se prioritariamente, aos direitos e deveres em sociedade, ao envolvimento coletivo em busca de conhecimento juntamente com a ajuda de outros influentes. Tais conhecimentos se dar a partir de informações de como funciona e se forma essas estruturas na sociedade considerando tanto as instituições como os agentes, proporcionando e identificando muitas vezes interesses opostos, e apontando possíveis tomadas de decisões, provocando o enfrentamento de forças contrárias, mas construindo estratégias significativas e mais justa.

b) Cultura política

A segunda dimensão diz respeito a cultura política, nesta, existe uma relevância tanto do passado como do presente para repensar o futuro, e toda aprendizagem serve como força “coletiva” para lutar pelos direitos. Segundo a autora é nesta dimensão que:

[...] Aprende-se a não ter medo de tudo [...] que foi inculcado como proibido e inacessível. Aprende-se a decodificar o porquê das restrições e proibições. Aprende-se a acreditar no poder da fala e das idéias [...]. Aprende-se a calar e se resignar quando a situação é adversa. Aprende-se a criar códigos específicos para solidificar as mensagens e bandeiras de lutas [...]. Aprende-se a elaborar discursos e práticas segundo os cenários vivenciados. E aprende-se, sobretudo, a não abrir mão de princípios que balizam determinados interesses como seus. (GONH, 2005, p.19)

A esta dimensão está atribuído a desconstrução e a reconstrução, é pela própria leitura de mundo que as pessoas tomam suas decisões assumem posturas seja no enfrentamento ou recuando, de acordo com o que for cabível, desta forma contribui para projetos que não se resume que está ao seu redor, mas ao mundo.

c) Espacial-temporal

Levando em conta a terceira dimensão considera-se, o caráter educativo construído a partir da “articulação entre o chamado saber popular e o saber científico”. Tendo em vista fatores muito relevante que é o “tempo e espaço” que tendem ser considerados na memória de um povo, pois esta dualidade consideradas, levam a lutas por direito de uso coletivos não permitindo usos individuais sobre espaços considerados públicos. Para (GONH 2005, p.21, apud Gramsci, 1968).

[...] a dimensão espaço-tempo resgata elementos da consciência fragmentada das classes populares, ajudando sua articulação, no sentido gramsciano da construção de pontos de resistência a hegemonia dominante, construindo lentamente a contra hegemonia popular. (GONH 2005, p.21, apud GRAMSCI, 1968).

Isto posto, podemos refletir sobre um ponto fundamental, o da importância do processo educativo para a formação coletiva, e que é por meio desse processo que os indivíduos põem em prática o exercício da participação e tomada de decisão em busca de melhoria de vida individual e coletiva.

É neste meio que as pessoas se fortalecem através do encorajamento. Por terem adquirido conhecimento de causa, as pessoas sabem os seus direitos e deveres e como buscar meios para efetivá-los, é nesta dimensão que ocorre as descobertas sobre a realidade e isto é o que impulsiona tomadas de decisões importantes para os sujeitos envolvidos.

d) Capacitação para adquirir habilidades para a produção

A formação para produção é uma das dimensões visualizada no espaço observado parte de capacitações específicas onde são desenvolvidas atividades práticas que possibilitam as habilidades específicas na agregação de valores ao pescado, como também a produção de subprodutos tendo como base o peixe, embora tenha existidos a possibilidade de produzirem inúmeros outros produtos derivado do peixe a prioridade é especificamente a traíra desfiada.

Em suma esta capacitação garante uma certificação que é o que credencia os produtos para entrada no mercado, contribuindo assim com uma boa saída da mercadoria, por outro lado precisamos observar que esta é uma exigência do próprio mercado consumidor que cada vez mais exige qualidade. Desta forma contribui muito para as produtoras que já não produzem para um número resumido de pessoas e sim atendem um mercado grandioso, uma vez que seus produtos estão sendo divulgados nas redes sociais e atingindo os mais longínquos consumidores.

e) Organização para dimensão de gênero

Se considerarmos os tempos mais distantes no começo da humanidade os estudos apontam para uma sociedade nômade, portanto, sem divisões rigorosas nas atividades desenvolvidas entre homens e mulheres, esse tipo de organização vai mudando de acordo com o desenvolvimento da humanidade. A descoberta do fogo e o desenvolvimento da agricultura trazem mudanças consideráveis na organização e conseqüentemente nos papéis assumidos pelo homem e pela mulher, agora ao homem é atribuído a função das atividades externas, logo, esse distanciamento proporciona a conquistas de outros espaços fora da casa e a mulher assume a função de cuidar do cultivo da terra, preparar alimentos, cuidar dos filhos e da casa “Nesse contexto, institui-se a divisão sexual e social do trabalho e a sexualidade das mulheres passa a ser controlada pelos homens e pelas instituições construídas por eles”. A figura do homem como chefe da família passa a se configurar, existindo assim uma hierarquia onde a figura masculina exercia o autoritarismo patriarcal, conseqüentemente há uma valorização do trabalho masculino e desvalorização do trabalho feminino (CONTAG,s.d.).

A partir da década de 1970 o reconhecimento da desigualdade passa a ser observado pelo viés do tema gênero, que vem mostrar essa disparidade como uma construção histórica, [...] O conceito de gênero surgiu com o intuito de romper com o conceito de “sexo”, que analisava a relação entre homens e mulheres a partir da biologia, dos corpos sexuados (CONTAG, [200?]. p. 13).

Desta forma observa que:

[...] Os homens tem imenso privilégio em todos os âmbitos: renda mais alta, acesso a melhores postos e empregos, mais tempo de lazer, dominam os espaços de poder político e econômico na sociedade [...].

[...] o trabalho da mulher é visto como uma extensão do seu papel de mãe/esposa/dona de casa, provedora das necessidades da família – principalmente na horta e no quintal [...] (CONTAG, [200?], p. 13)

Desta forma tendo como fundamento os papéis estabelecidos ao longo da História, observamos que por muito tempo a mulher assume funções sem receber o devido reconhecimento, tendo muitas que dar conta de uma jornada de trabalho dupla ou até tripla, o trabalho masculino tem uma tendência a supervalorização já o feminino é desvalorizado. Só a partir do conceito de gênero é que observa-se as múltiplas funções assumida pela mulher e a partir de então passa a existir uma luta pelo reconhecimento do trabalho feminino e diminuição da desigualdade de gênero, encabeçada muitas vezes por atitudes da própria mulher em coletivos feministas ou não.

3 OS REMOS QUE NOS AJUDARAM A REMAR: CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este capítulo procura fundamentar as bases das escolhas metodológicas e as implicações metodológicas do método utilizado, justificando a abordagem qualitativa como a mais apropriada a esse tipo de estudo.

3.1 A ABORDAGEM QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa tem como objetivo principal a interpretação do fenômeno observado, e tem como características: a observação, a descrição, a compreensão e o significado. Deste modo,

Os investigadores qualitativos freqüentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. (BOGDAN; BIKLEN, 1996, p. 48)

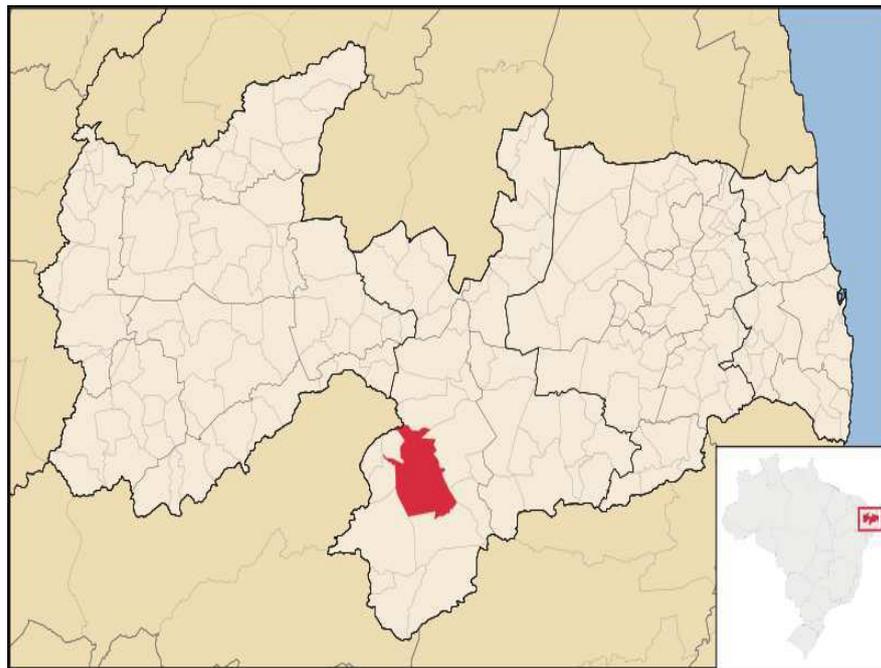
Este trabalho foi desenvolvido a partir da abordagem metodológica da pesquisa qualitativa que permitiu conhecer o universo de significações apresentado e expressado pelas mulheres pescadoras organizadas no grupo de mulheres denominadas Art's pesca, assume uma perspectiva descritiva a medida que procuramos descrever e analisar como o fenômeno ocorre, a “descrição” permite compreender aspectos ainda não relatados nem referenciados, segundo Martins, (2010,p.55), a descrição fundamenta-se no modo de ser do homem, tal como se constitui no pensamento, como fundamento de todas positivities e, ao mesmo tempo situado no elemento das coisas empíricas com base na descrição das realidades estudadas.

Dentro da proposta, que se adéqua a esta pesquisa a efetivação da pesquisa participante uma vez que o objeto de pesquisa parte da relação de vivência sócio cultural do pesquisador, neste sentido é importante ressaltar essa aproximação, segundo Noronha, (2010, p. 157) “[...] Isto significa considerar que há um sujeito informado historicamente que se relaciona com o objeto construído-o e sendo ao mesmo tempo construído nesse processo”.

3.2 CAMPO DE PESQUISA

O campo de está localizado no Município de Sumé no Cariri Paraibano, situada à 250 quilômetros da capital João Pessoa e a 130 de Campina grande com uma população de aproximadamente 16.060 habitantes (censo 2010).

FIGURA 1: Mapa da Paraíba destacando Sumé



Disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Paraiba_Municip_Sumé.svg

Segundo Bursztyn (1984) por voltas da década de 1960 é iniciada pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Seca a construção da barragem formando assim o então açude de Sumé, com capacidade de 46.000.000m³.

Nesta época a sociedade era constituída por “*latifundiários, pequenos proprietários, produtores sem terras, um pequeno contingente de assalariados rurais, comerciantes e o Estado cuja intervenção era bem discreta*”. A produção para o comércio baseava-se na pecuária, algodão, feijão e milho, dada a época, alguns municípios passavam por dificuldades por conta da seca, enquanto Sumé dava os primeiros passos para construção do açude e da área irrigada, na perspectiva da instituição DNOCS.

Com a finalização da construção do açude por volta de 1967 inicia-se “*os primeiros reflexos das vantagens da agricultura irrigada, as margens do açude, produzidos pelos vazanteiros*” (BURSZTYN, 1984, p. 87-88).

A proposta introdutória que contextualiza o início da construção do açude de Sumé, sugerido aqui, é para fazer referencia ao que foi proposto inicialmente com a construção de um manancial que nos dias atuais acolhe dezenas de pescadores (as), e é responsável por uma fonte de renda familiar.

A fonte consultada no ato da elaboração desta pesquisa em nenhum momento enfatiza a produção do pescado como fonte de renda das famílias através do uso das águas para fins pesqueiros no início da construção do manancial, ouvimos relatos que esta inicia-se com o “perímetro irrigado” por volta do início da década de 1970, já que indícios fotográficos e documentais que encontramos na pesquisa (caderneta de inscrição do pescador datada 1975) fotos de acervo familiar evidenciam essa década com relação as atividades pesqueiras, gerenciado pelo próprio DNOCS através da 3ª Diretoria Regional DIVISÃO DE PESCA E AQUICULTURA, portanto, com a iniciativa do Estado.

A organização dos pescadores, na Associação dos Pescadores e Aquicultores do Município de Sumé- APAMS- iniciou-se aos oito de dezembro de 2004³, em uma reunião contando com um grupo de 12 pescadores com a intenção de formar uma chapa para fundar uma associação, que é registrada aos oito de janeiro de 2005, (ATA, folha. 1). Vale salientar que em 2009 houve uma alteração na razão social passando a ser Associação dos Pescadores Aquicultores e Produtores Rurais do Município de Sumé.

No início da organização a composição do grupo era apenas de homens, a presença da mulher pescadora aparece datado em ata de seis de dezembro de 2008, sem nada muito significativo e específico relativo ao papel da mulher, apenas sua participação na reunião.

A organização específica das mulheres datam os onze de julho de 2011 com a “primeira reunião com as pescadoras”, denominando-se ART`S PESCA que tinha como proposta inicial desenvolver atividades artesanais a partir das sobras dos peixes que era “jogado fora”, conforme consta em ata:

[...] foi aberta a voz e a vez de cada uma, as opiniões foram diversas como trabalhar com o artesanato de sementes e peixe juntamente com a rede da pesca, para fazer acessórios [...]” (ATA, folha. 3)

³ Não encontramos nos documentos que tivemos acesso na pesquisa, informações sobre a tentativa de organização anterior.

Na seqüência de assinaturas, constam onze mulheres, número esse que aumenta em registros de reuniões seguintes.

Os registros dão conta da tentativa a cerca da valorização do peixe traíra que por vezes é citada como recheio de alimentos em momentos de degustação feita pelo próprio grupo de mulheres, aos dez de outubro de dois mil e onze

Aconteceu a primeira desfiagem de traíra”, o empenho para dar conta da primeira encomenda e a satisfação são explicitados na redação, “[...] experiência muito trabalhosa mas também gratidão e harmonia [...] Espero que continuemos sempre com vontade, e determinação pois com certeza venceremos sempre.[...].(ATA, folha.5)

A presença de entidades articuladoras só vem a ser observada nos registros especificamente para o grupo de mulheres, a partir do dia dezenove de janeiro de 2012, o registro dar conta de uma representatividade do Cooperar, sem nada evidenciar quanto ao objetivo, no entanto não faz referências a finalidade da presença ou continuidade desta relação.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

O Grupo Art’s Pesca que faz parte da Associação dos Pescadores Aquicultores e Produtores Rurais do Município de Sumé, situada á Rua: Adamastor Gomes de Araujo nº 1.805 no bairro do Carro Quebrado Sumé – PB.

As mulheres pescadoras que compõem a ART’S PESCA, e trabalham com o beneficiamento do pescado e o artesanato tem vínculo com a profissão pelo viés cultural familiar, filhas ou esposas de pescadores, as mulheres descobrem alternativas de desenvolver atividades produtivas sem perder os laços culturais e produtivos, algumas ainda alternam as atividades com o esposo pescando no açude. O grupo de mulheres ART `S PESCA, são profissionais da pesca artesanal, na associação as atividades são características da economia solidária, há um valor fixo por quilo do pescado produzido, a missão é dar conta da demanda, sendo recebido um total e dividido entre a produção feita por cada mulher.

As mulheres se encontram de terça a sexta-feira para trabalhar com o beneficiamento do pescado, que chega até a associação trazida pelos pescadores que recebem uma quantia pela venda do produto, o peixe (traíra). Este produto vem do açude público de Sumé, as mulheres, cabe fazer a limpeza e o processo de retirada das espinhas, o produto é finalizado com o procedimento de embalagem e refrigeração.

A venda é garantida, faz parte do cardápio na merenda escolar tanto em escolas municipais como estadual, a venda também é feita na própria sede da associação a pessoas da comunidade, como pagamento cada mulher recebe uma quantia por quilo beneficiado.

Já o trabalho com o artesanato é feita de forma individual, nem todas as mulheres tem habilidades para esse trabalho, desta forma as peças são feitas nas residências das artesãs, que usam sementes e sobras do pescado a sua arte, a exemplo de flores decorativas com escamas de peixe, brincos com espinhas de peixe, entre outros. A venda do artesanato é feita de forma individual ou coletiva em eventos.

As atividades produtivas se preocupam com o desenvolvimento sustentável buscando uma organização de atividades que não venha a agredir o meio ambiente e traga sustentabilidade para as produtoras.

Entre as associadas existem ainda as mulheres que trabalham com a construção de redes de pescar e reparos em geral, elas desenvolvem suas atividades em suas residências independente do grupo Art's Pesca e suas participações na associação resume-se a reuniões deliberativas e ordinárias da associação.

3.4 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

A primeira fase da pesquisa assumiu uma perspectiva exploratória na qual buscamos definir melhor o objeto e os objetivos da pesquisa, a partir de uma aproximação com o campo de pesquisa apresentando o projeto a ser desenvolvido ao grupo e iniciando uma revisão da bibliografia e a estruturação do projeto, realizados nos meses de maio e junho, na qual deliberamos o objeto e os objetivos da pesquisa.

A segunda fase buscamos ter acesso a materiais que possibilitassem colher informações, documentos da associação e observações.

A terceira fase foi de revisão da literatura, construindo o conhecimento através de leituras, a definição dos instrumentos de pesquisa, e as ações finais de análise do material, a última fase foi redação do trabalho, estudos de revisão da bibliografia, análise dos dados e redação final do trabalho.

Para a realização da pesquisa foram usados instrumentos de pesquisa como: observação participante, caderno de campo, análise documental e entrevista. Dessa maneira, os diferentes

instrumentos foram fundamentais para nós entendermos mais do nosso objeto, e de exercitarmos o estranhamento do mesmo, visto que nos parecia tão familiar.

Os instrumentos de trabalho de campo na pesquisa qualitativa visam a fazer mediação entre os marcos teórico-metodológicos e a realidade empírica. São eles: roteiro de entrevista, roteiro para observação participante e roteiro para discussão de grupos focais. (MINAYO, 1994, p. 189)

3.4.1 Observação participante

Conforme coloca Minayo (1994) a observação participante assume uma importância essencial no trabalho de campo na pesquisa qualitativa, é uma situação na qual o observador se coloca numa relação direta com seus informantes participa de seu cotidiano com a finalidade de compreender o contexto de pesquisa. Essa estratégia é desafiadora para o pesquisador, pois o mesmo faz parte do contexto, neste sentido interfere no mesmo e também sofre as suas influencias o que exige uma vigilância metodológica mais rigorosa.

Participamos de diferentes momentos da organização durante todo o período da pesquisa: reuniões, formação, e trabalho.

3.4.2 Caderno de Campo

O caderno de campo possibilitou um apoio de registro das informações na ida a campo das observações, das conversas informais, de dados sobre a organização, e no qual podemos recorrer para resgatar fatos, situações e percepções registradas.

3.4.3 Análise documental

Se constitui como numa técnica valiosa de obtenção de informações para fins de dados qualitativos, seja para agregar mais informações as obtidas por outras técnicas, seja revelando aspectos novos de um tema ou problema ainda não visualizado.

Realizamos análise do material da associação, e das entidades formadoras.

3.4.5 Entrevista

A entrevista conforme Minayo (1994) é uma “estratégia no trabalho de campo pois constrói informações pertinentes para o objeto de pesquisa”, é com este recurso que podemos

obter informações, percepções dos sujeitos, é “acima de tudo uma conversa a dois”, ou entre várias pessoas, portanto, esse instrumento foi de bastante serventia para realização deste trabalho. Com base neste conceito elaborarmos o roteiro de entrevista, assim,

Cada questão do roteiro deve fazer parte do delineamento do objeto, de forma que todos os tópicos em conjunto se encaminhem para dar-lhe forma e conteúdo e contribuam para enfatizar as relevâncias previstas no projeto (MINAYO,1994 p. 191).

O roteiro da entrevista (ver Apêndice A) foi elaborado para permitir uma flexibilidade no diálogo com os sujeitos interlocutores da pesquisa servindo de guia e orientação para a conversa , na qual,

Deseja-se que a linguagem do roteiro provoque as várias narrativas possíveis das vivências que o entrevistador vai avaliar; as interpretações que o entrevistado emite sobre ela e sua visão sobre as relações sociais envolvidas nessa ação (p. 191).

Foram entrevistadas lideranças da associação e do grupo Art`s Pesca e educadora/articuladora do Cunhã.

3.4.6 Análise do material

A expressão mais comumente usada para representar o tratamento dos dados de uma pesquisa qualitativa é análise de conteúdos. No entanto, o termo significa mais do que um procedimento técnico. Faz parte de uma histórica busca teórica e prática no campo das investigações sociais no sentido de compreender os sentidos contidos nos dados

Segundo (MINAYO, 1994), a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (MINAYO, 1994 p.199).

No tratamento e análise das informações utilizamos o método da análise de conteúdo chamado de análise temática. Para Minayo,

A noção de um tema está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Ela acompanha um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, de uma frase, de um resumo (1994 ,p.315).

Esta análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido onde compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico

visado, ou seja, tradicionalmente, a análise temática se encaminha para contagem de frequência das unidades de significação como definição do caráter do discurso. Operacionalmente a análise temática desdobra-se em três etapas:

Pré-análise, que está vinculada a proposta da “exploração do material, e tratamento dos resultados/inferência/ interpretação”.

Organização do corpus através da leitura exaustiva buscado encontrar núcleos de sentido e deixamo-nos penetrar pelas informações contidas no material, desta forma fomos agrupando as informações e “apreendendo” as peculiaridades inerentes, neste sentido foram se formando os núcleos de sentido que depois foram analisados.

Leitura flutuante “ dialogando com as parte dos textos” para identificar por inferências os núcleos de sentido, para assim podermos agrupar as partes e formular temas dando inicio a alimentação do corpus que fora previamente estabelecido,

Finalmente preparamos a síntese por meio da redação com o propósito de organizar o que foi alcançado diante dos objetivos iniciais.

4 OS VENTOS QUE SOPRAM O BARCO: OS FORMADORES DAS MULHERES PESCADORAS

Este capítulo, tem como finalidade mapear os processos formativos desenvolvidos junto as mulheres pescadoras, evidenciando o trabalho desenvolvido pelas entidades formadoras. Na pesquisa de campo identificamos duas entidades centrais no processo formativo das mulheres: uma organização não governamental que atua com mulheres na região – Cunhã Coletivo Feminista, desenvolvendo o projeto autonomia; e uma entidade o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural- Senar com atividades de capacitação técnica para desenvolver e agregar valor aos produtos a partir da matéria prima existente.

4.1 CUNHÃ COLETIVO FEMINISTA

Cunhã é uma entidade não governamental sem fins lucrativos, com sede em João Pessoa Paraíba, fundada desde 1999, visa a promoção da “igualdade de gênero” considerando “direitos humanos, feminismo, justiça social e a democracia. As atividades desenvolvidas permeiam os campos da “ advocacy, estratégia de comunicação e ação política feminista para a intervenção em políticas públicas voltadas para as mulheres”, com a idéia de fortalecimento para as organizações de mulheres tanto dentro do contexto local como regional, nacional e internacional, tem como estratégias:

[...] a formação política feminista, mobilização social, incidência política, produção do conhecimento e comunicação no trabalho prioritário com mulheres e/ou grupos de mulheres, jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, em contextos urbano e rural. (CUNHÃ, 2013).

Desenvolve atividades de formação e articulação política com “gestores(as) de saúde e educação, participa de redes e articulações feministas”, atua em total harmonia com as lutas feministas, desta forma “ considera que as ações articuladas têm impactos mais eficientes e diretos na vida das mulheres e se ampliam, provocando mudanças concretas na sociedade”.

A ação de formação, desenvolvida pela cunhã, com as mulheres pescadoras de Sumé faz parte do projeto “**Mulheres Rurais, Autonomia e Empoderamento no Cariri paraibano**, em parceria com a Concern Universal Brasil”, tendo como objetivo geral “contribuir para o

enfrentamento à pobreza e a melhoria das condições de vida das mulheres do Cariri”, e como objetivos específicos, contribuir para o crescimento da renda familiar das “Mulheres Rurais” do Cariri, bem como, influenciar as “políticas de geração de renda”.

Conforme informações do site da entidade o projeto é apoiado pela União Européia e tem vigência o período compreendido de 2011-2014. O acompanhamento do projeto é feito tanto coletivamente juntando as mulheres de vários seguimentos produtivos de algumas cidades do Cariri Ocidental quanto especificamente em cada organização.

Nos encontros coletivos as aprendizagens são mais gerais e se adéquam as especificidades de gestão, organização, valorização, autonomia, já nas visitas nos grupos específicos são discutidos e prestado assistências as especificidades do grupo, o encontro coletivo é um momento de formação para as habilidades de organização da produção, mas também de reencontro, acolhimento, diversão, o aprender permeia todos estes campos, contribuindo para a auto-estima dos sujeitos envolvidos, e é neste contexto que o grupo de mulheres pescadoras de Sumé se articulam.

Uma surpresa, foi o que declarou a articuladora do projeto, quando no inicio foram rastreados e diagnosticados a existência de grupos de mulheres pescadoras produzindo e organizadas em torno de um mesmo objetivo, desta formão grupo de mulheres pescadoras se enquadrou dentro do que se propõem o projeto:

Abrange as mulheres que são organizadas com a mesma perspectiva, que desenvolve uma linha de produção , o projeto vem para dar um suporte para que elas avancem e se desenvolvam. [...] O projeto vem para divulgar o trabalho produtivo, [...] contribuir para o enfrentamento da pobreza, [...] contribuindo com melhoria da renda familiar, [...] influenciar na melhoria política, [...]. (Articuladora Cunhã. 06/09/2013)

Desta forma, os planejamentos são feitos com os grupos que apontam suas necessidades, sendo assim cabe aos articuladores acionar profissionais qualificados de acordo com as demandas, e então “desenvolver oficinas dentro da linha de produção, tanto em conjunto” quando a demanda é a mesma, como separados de acordo com a necessidade.

E foi de acordo com a demanda coletiva que ocorreu uma das capacitações, a qual pude observar, no decorrer da realização deste trabalho.

Foto 1 - Acolhida. Data 09/07/ 2013



Fonte: atividade de campo.

A foto 01 é o momento de acolhida logo após a chegada e o café da manhã, neste momento, em círculo todas as mulheres dão as mãos e compartilham entre si as perspectivas quanto aos objetivos de estarem participando da formação, como também são levadas a refletir sobre suas qualidades enquanto mulheres, é um momento de muita harmonia e interação entre elas e as/os formadoras (es).

Os formadores das instituições, são constituídos por homens e mulheres, que desenvolvem um papel de educador orientador, ajudando as mulheres produtoras a utilizar instrumentos que levam a uma melhor organização do trabalho coletivo.

No acompanhamento especificamente nos grupos com as pescadoras de Sumé, são tratados assuntos mais peculiares e característico das demandas que surgem no grupo: são relatadas as prioridades enquanto grupo específico, com isto, as orientações permeiam as possibilidades e caminhos a serem seguidos para alcançar a solução de problemas inerentes as suas especificidades, a vinculação do grupo com os formadores sugere uma cordialidade que leva em conta as características os sonhos e as necessidades destas mulheres.

Foto 2 - Trabalho de grupo. Data 09/ 07/ 2013



Fonte: atividade de campo.

A foto 2 as mulheres desenvolvem atividades em aulas práticas, deste modo é sugerido uma simulação. Preenchendo planilhas elas vão se apropriando de como podem organizar suas mercadorias em estoque, como fazer a contabilidade no grupo de trabalho com o pescado.

Participar destas formações muitas vezes acarreta para as mulheres uma jornada dupla, é considerável o número de filhos (as) de pescadoras no momento da formação, isto denuncia as múltiplas funções assumidas e as estratégias em conciliá-las, se por um lado isto parece ser uma atividade a mais, por outro, dentro dos grupos já existe uma visibilidade para incentivar essas crianças a se organizarem desde pequenas, como proposta de ser criado um projeto - Cunha Mirim- essa idéia surge dentro do contexto de formação do dia 09 de julho 2013.

Portanto é perceptível dentro desta realidade vivenciada contribuições significativas da educação popular se considerarmos justamente que estas formações levam as pessoas a refletir e agir dentro de suas realidade.

4.2 SENAR

O SENAR é um instituto privado “paraestatal” conservada pela “classe patronal rural vinculada a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil e administrada por um conselho tripartite”, criada no governo de Fernando Collor de Melo, pela Lei nº 8 315 de 23 de dez. de 1991, articulado na missão de “realizar Educação Profissional e Promoção Social (PS) das pessoas do meio rural”. A FPR é , segundo o (SENAR)

um processo educativo, sistematizado, que se integra aos diferentes níveis e modalidades da educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia para desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes para a vida produtiva e social atendendo às necessidades de efetiva qualificação para o trabalho, com perspectiva de elevação da condição sócio profissional do indivíduo. (BRASIL, 2013).

Portanto, seu intuito é da melhoria da qualidade de vida e do “desenvolvimento sustentável do país”, para isto promove cursos de capacitações para pessoas do meio rural, contribuindo “para o aumento da renda, integração e ascensão social das pessoas a partir dos princípios de sustentabilidade, produtividade e cidadania, colaborando também para o desenvolvimento socioeconômico do país”. A promoção social – PS, ainda para o (SENAR) tem:

[...] enfoque educativo possibilita ao trabalhador, produtor rural e suas famílias a aquisição de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais e

mudanças de atitudes que favorecem melhor qualidade de vida e participação na comunidade. (BRASIL., 2013.)

Desta forma contribuir no processo de construção de melhoria da qualidade de vida e no aumento da renda.

O SENAR desenvolve atividade formadora com as mulheres pescadoras da associação em Sumé, e vem a atender o desenvolvimento técnico profissional, capacitando e aprimorando as atividades produtivas com as mulheres pescadoras.

Foto 3 - Oficina de produção de alimentos 08/2012.



Fonte: Colônia de Pescadores Z25.

A foto 3 traz um dos momentos de formação promovido pelo SENAR, este foi um momento de produção de alimentos a partir do pescado, nesta formação as mulheres aprenderam a fazer buchada, lingüiça, almôndega, hambúrguer, enpanado, entre outros como mostra as fotos a seguir.

Foto 4 - Empanado de peixe, 08/2012.



Fonte: Colônia de Pescadores Z25.

Foto 5 - Buchada de peixe 08/ 2012.



Fonte: Colônia de Pescadores Z25.

As fotos 4/5 registram as aprendizagens das mulheres no beneficiamento do pescado realizado nas capacitações, aos quais sempre culmina com uma degustação aberta ao público: representantes do município ligados a Secretária de Educação, representantes das comunidades, com a finalidade de apresentar e divulgar as diversas possibilidades de irem introduzindo o peixe e seus derivados na merenda escolar, neste sentido, garantir mercado para seus produtos.

Em geral as formações ocorrem na sede da Colônia dos pescadores em Camalaú PB, com média de duração de três à quatro dias onde são oferecidos pela colônia, condições de permanência. Os cursos oferecidos surgem da demanda local, mas é desenvolvida em parceria

com as várias Associações de Pescadores que enviam suas representantes, que posteriormente passam a ser agentes multiplicadoras em suas associações.

Este é outro segmento educativo que se apresenta a feita pelos próprios sujeitos entre si através tanto das experiências individuais como das adquiridas nas formações, as a mulher que participa na/das formações realizadas pelo SENAR/Cunhã repassam para as que por algum motivo não puderam comparecer, assim passa a ser um agente multiplicador, da mesma forma, as habilidades individuais são consideradas e compartilhadas.

Mesmo com avanços, ainda é grande a invisibilidade da mulher pescadora, segundo (MANESCHY; ÁLVARES 2013) “são noções que são compartilhadas por elas mesmas, como as de que são ajudantes”. Essa noção, no campo pesquisado, vai se modificando com a contribuição de um “dispositivo” os direitos sociais, todas as mulheres vinculadas na atividade desenvolvida tem RGP, portanto tem garantido os direitos previdenciários.

Se por um lado os homens continuam (esposos, pais, filhos) na atividade no açude, a mulher agora desenvolve a atividade de beneficiamento do pescado em outro espaço aliados as atividade da casa, entretanto tendo os seus direitos garantidos. “Nesse novo contexto, modificam-se sensivelmente as funções que as mulheres exerciam no passado, que iam, desde a participação em pescarias próximas até uma serie de tarefas pré e pós-captura que absorviam os vários membros da família, [...] (MANESCHY; ÁLVARES, 2013)

O que se pode concluir é que os processos formativos desenvolvidos com as mulheres possuem dois paradigmas teóricos e metodológicos: um pautado pelos referenciais da Educação Popular e outro pela capacitação técnica.

5 AS REMADAS DA MUDANÇA: NOVOS APRENDIZADOS

5.1 A VIDA NA PESCA

O conjunto de mulheres, que se organizam no beneficiamento do pescado na Associação dos Pescadores em Sumé apresentam conhecimentos e experiências para além do conhecimento técnico, a carga cultural está presente nas falas quando retomam a infância a adolescência e na vida adulta conjugal.

O vínculo com a profissão se iniciou desde pequenas quando ainda eram crianças. As tarefas eram de colaboração, sempre exercendo as funções de remar a canoa, construir instrumentos de pesca, limpar o peixe, salgá-lo quando na época o sal era o único meio de conservar o peixe. Acompanhando sempre o pai ou os irmãos mais velhos, muitas se deslocavam com os homens à feira livre para auxiliar na venda. Este processo se estendeu mesmo depois que se casaram ou passaram a viver com os respectivos companheiros. Mesmo depois da chegada dos filhos existe essa parceria das mulheres com os seus cônjuges ou entre mulheres mesmo.

O **início na profissão** mistura-se nos relatos como seu aprendizado inicial com sua família, destacando o papel dos pais e dos maridos, vejamos as falas abaixo:

“comecei cedo com meu pai, depois com marido...” (P1)

“nasci e mim criei trabalhando com o peixe”.(P2)

“sou filha de pescador, meu marido é pescador e eu também sou.” (P3)

“Sou filha de pescador e esposa de pescador e minha família é toda pescadora” (P4)

O **aprendizado na vida** cotidiana, na convivência familiar, mistura inicialmente nas falas das mulheres, o trabalho da pesca, agregado a ser filha ou ser esposa de pescador, na infância inicia seu aprendizado ao lado de seu pai realizando atividades de colaboração seja diretamente no açude remando canoa ou nos afazeres pós pescaria com a limpeza dos pescados,, de acordo com Maneshchy e Álvares (2013) quando se fala em atividades pesqueira realizada pela mulher no Nordeste, “[...] trata-se geralmente de tecer redes, beneficiar pescado, coletar mariscos e algas e pescar nas proximidades, aliadas a outras tarefas em terra, todas instáveis”. O fazer junto com a família é seu primeiro espaço de aprendizado sobre a pesca, e o papel que deve desempenhar é o de colaboração muitas vezes iniciada muito cedo quando ainda crianças. Trata-se de um conhecimento que antecede a formação e a escola e vai

muito além dela. Um conhecimento construído nas práticas sociais da família do trabalho na pesca, na troca com os mais experientes.

O trabalho na casa se mistura com o trabalho na pesca, estabelecendo uma dupla jornada de trabalho para as mulheres, na lida da pesca e da casa. Geralmente os vizinhos colaboram uns com os outros, porque a retirada da rede do açude inicia-se pela madrugada, hora que os filhos estão dormindo, e que as mulheres saem junto com os maridos para o açude, retornando antes que eles acordem para preparar o café e organizar a ida dos filhos para a escola. Com a ida dos filhos para a escola, alterna entre os serviços na casa e na pesca, no entanto, esse trabalho sempre aparece como uma ajuda, embora ela seja fundamental na efetivação da atividade, não recebiam nenhuma remuneração pelo seu trabalho, pois todo o dinheiro adquirido com a venda do peixe era recebido pelos homens, que o distribuía nas despesas com os produtos que não são produzidos na comunidade, visto que muitos desenvolvem também algumas atividades na agricultura, . Assim, as pescadoras retornando ao passado, afirmam que ser pescador antes passava por algumas dificuldades, a saber:

“Antes só tinha o dinheiro do peixe que vendia na feira, agora não... “Agora tem o seguro melhorou né?” (P.1)
 “O pescador antes era discriminado”.(P.3)
 “é muito melhor ta aqui na sombra,nem se compara a ta no açude,banco quente”!(P..1)

Esse perfil, por muito tempo, foi característica da mulher que lida com essa atividade, mas o que observamos é uma re-significação, presente nas falas, tanto das atividades desenvolvidas como na forma de se assumirem socialmente como mulheres profissionais da pesca, afirmado com a fala de uma das pescadoras, “agora é mais evoluído né?... Estão sendo respeitado agora” (p.4), isto referente ao pescador no passado em relação a atualidade.Podemos assim considerar que isto foi possibilitado a partir do momento em a mulher se organiza coletivamente.

5.2 DE MULHER DE PESCADOR A MULHER PESCADORA

A **mudança do trabalho do açude para outras atividades** vai se dando pela própria organização da mulher em torno da associação dos pescadores, que inicialmente é constituída apenas por homens (esposos, filhos, irmãos) e depois de forma tímida a mulher vai marcando presença em reuniões. O fato da mulher também ser reconhecida com direito a ter a carteira de

pescador (a) profissional lei 11 959 art. 24 isto vai influenciando a formação de um grupo distinto, que também sofrem influências da associação e da colônia de pescadores para que se organizem e desenvolvam atividades em grupos, fica explícito na fala de uma formadora, que mesmo antes das formações chegar, as mulheres já tinham visibilidade dentro da associação, os registros em caderno de ATA, dão conta das mulheres inicialmente se organizando em torno do artesanato a partir das sobras do pescado e da tecelagem de redes, logo após, do beneficiamento do peixe.

As mulheres pescadoras compreendem a importância de **ser associada e sindicalizada**, dentro da perspectiva dos direitos previdenciários a medida que relatam falas,

“[...] Quando você precisar...as vezes adoece precisa do benefício, você sendo associado dar tudo certo” (P.3);

“tem o seguro , ajuda no caso de doença se precisar auxílio doença”. (P.4)

Uma das conquistas se pensarmos em direitos previdenciários para as pescadoras ao longo dos tempos foi justamente o de serem considerados como profissão justamente as atividades que antes eram atribuídas a elas e que por muito tempo foi considerada como ajuda, desta forma, temos segundo a lei 11. 959 de 29 de junho de 2009, Seção II que dispõem da atividade Pesqueira:

Art. 4º A atividade pesqueira compreende todos os processos de pesca, exploração e exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros. Parágrafo único. Consideram-se atividade pesqueira artesanal, para os efeitos desta Lei, os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal. (BRASIL,2009).

Esta lei deixa esclarecido a dimensão de atividades que considera como atividades pesqueira, e como podemos observar, muitas destas estão presentes justamente nas atividades desenvolvidas pela mulher nas atividades juntamente com a família.

Essa aprendizagem “dos direitos” por parte daqueles que por muito tempo foram excluídos, podemos encontrar apoio no que Araújo (2003) nos coloca sobre a dimensão educativa dos movimentos sociais e da organização, portanto a mulher pescadora hoje tem direitos que antes era atribuição masculina, hoje é de direito da mulher ser associada, sindicalizada e também capacitada, aprimorando e desenvolvendo suas atividades.

Eis que com essa nova forma organizacional surge a **necessidade da formação**, essa mudança no trabalho desenvolvido pelas mulheres na pesca passa a ter outras necessidades,

inclusive a certificação, e é ai que entra o papel das formações e dos formadores como parceiros nesse novo modelo produtivo.

No grupo de mulheres pescadoras de Sumé visivelmente aparecem pelo menos duas **entidades parceiras**, que realizam atividades de formação com o grupo, são atividades específicas para o grupo de mulheres que desenvolvem o artesanato e o beneficiamento do peixe traíra, sendo este ultimo o carro chefe no momento. As formações vão se dando a partir do momento que o grupo de mulheres produtoras foi rastreado pelo projeto, que tem como principio de atuação trabalhar com mulheres produtivas.

Os primeiro grupo a ser trabalhado foi o de Camalaú, com este foram sendo identificados os demais em Sumé e no Congo, estes três grupos de produtoras na pesca estão sendo acompanhados pelo projeto desenvolvido pela cunha, que agrega também as mulheres da hortaliça e da renda renascença.

A **organização** em torno da formação surge como decorrência da mudança no seu papel produtivo se antes a mulher pescava juntamente com o marido, e ele quem assumia a comercialização, agora, a mulher se coloca como produtora, portanto, o beneficiamento e a comercialização faz parte dessa nova mudança, conforme nos coloca, “ continuaram assumindo algumas tarefas ligada a pesca em família, mas em menor proporção”(MANESCHY, ÁLVARES).

Neste sentido **as formações assumem um papel muito significativo** e é reconhecido tanto pelas mulheres quanto pelos formadores, conforme identificado nas falas:

“Ajuda a como organizar manusear [...] tem uma importância a certificação para termos certeza que estamos capacitados”. (p.2)
 “o projeto vem pra dar um suporte maior, [...] pra que elas possam se fortalecer pra depois caminhar sozinhas.” (Educadora Cunhã)

. Existe uma outra dimensão evidenciada nas falas das mulheres como contribuição das formações, “tanto para ajudar na renda” (p1), como na “auto estima das mulheres” (p2), isto é percebido no momento da observação em acompanhamento feito com as mulheres, em uma dessas formações do Projeto Cunhã, a medida que os grupos de mulheres, de municípios diferentes, vão chegando é evidente a satisfação do reencontro, a conversa que acompanha o café da manhã traz uma harmonia e satisfação em está presente naquele momento, que segue com uma acolhida onde os coordenadores possibilitam uma reflexão sobre o “ser mulher”, se sentir importante e valorizar-se como pessoa, uma das pescadoras diz “**eu aprendi que a mulher tem valor**” (p3). A formação é um momento de troca de experiências uma vez que são

grupos de cidades diferentes assim diz as pescadoras “a gente compartilha [...] agora eu estou aprendendo compartilhar minhas experiências” (p.3) .

Considerando a educação não-formal como um dos processos educativos referenciados em Silva (2010) baseada na orientação da educação popular de libertação referenciado por Wanderley (2010), podemos perceber no contexto observado a contribuição destes dois processos uma vez que as práticas formadoras estão levando em conta o fortalecimento das potencialidades existente, a cultura, e a troca de saberes uma vez que os saberes de todos envolvidos são considerados, ouvidos e compartilhado.

As mulheres também compartilham alguns **sonhos**, um deles é ter o reconhecimento por parte da sociedade, a atividade com peixe por si só já não é tão valorizada e quando pensada na perspectiva de gênero isto se faz mais presente, a fala denuncia este desejo

“que todos olhem para nós, como nós somos”. (p.3)

O desejo pelo reconhecimento da atividade vem junto com outro o de conseguir uma sede, as mulheres contribuem com o aluguel do espaço onde desenvolvem os trabalhos, existe uma parceria entre o grupo de mulheres art`s pesca e a associação onde dividem os custos, desta forma existe a perspectiva entre elas de articularem-se dentro da associação para tomar posse a um terreno destinado a associação, e este é um dos assuntos que predominantemente é comentado nos momentos de reuniões inclusive em momentos com as articuladoras, isto demonstra um envolvimento político com uma causa coletiva, a consciência de que a concretização de uma sede própria trará condições favoráveis para o grupo.

Mas se as mudanças no trabalho traz algumas vantagens as **dificuldades** nessa nova forma de se organizarem também estão presentes, além de não terem um ponto de apóia próprio as condições na infraestrutura são temas de conversas no momento em que estão produzido, percebe-se que elas estão a todo momento consciente de suas responsabilidades uma vez que estão trabalhando diretamente com alimentos, dizem “**nos passamos [dificuldades] porque não temos a nossa sede**” (p.3), há conscientemente a idéia que uma sede possibilitará a instalação de utensílios adequados para tal atividade, neste sentido é de fundamental importância fazer referencia aqui aos materiais fornecidos nas formações eles possibilitam visualizar que um dos temas abordados refere-se justamente as condições de higiene do pescado, dos instrumentos, do espaços e pessoal , e que são seguidos rigorosamente pela equipe, apesar de terem que se adaptar as instalações improvisada.

Outra **dificuldade** apontada pelas pescadoras, dão conta da **escassez da matéria prima**, “tem meses que não tem o pescado” (p.1), isto faz com que tenha uma instabilidade econômica que reflete diretamente no orçamento familiar, uma vez, que o dinheiro adquirido com a venda do pescado “ajuda na manutenção da casa” (p.4), “é um complemento... paga uma água, uma luz, uma mistura do café” (p.5), assujeitando muitas vezes a pescadora a desenvolver outras atividades como forma de suprir essa lacuna, outra dificuldade está também atrelado a própria organização enquanto grupo apontado pela liderança que diz “**juntar as mulheres para se organizar... umas vem outras não**”(p.2), isso possibilita-nos compreender que existe o livre arbítrio a mulher pescadora escolhe onde desenvolver suas atividades sendo que as que estão em torno do grupo Art`s Pesca tem participado de atividades que outras não tem inclusive essas de formações mais específicas, em relato destacamos “**algumas mulheres não vem porque não querem aceitar**” (p.1).

O reconhecimento das mulheres quanto as **contribuições das formações** para elas permeiam enquanto grupo refere-se diretamente aos aspectos de gênero uma vez que as falas representam um engajamento melhorou “para agente mostrar que somos guerreiras ...que agente consegue os objetivos que agente queremos... eu gosto de fazer o que eu faço...eu trabalho para mostrar que eu tenho valor como mulher e como pescadora” (p.3). Em geral mesmo com todo avanço conquistado dentro do espaço produtivo, na relação com o trabalho, a mulher pescadora continua desejando reconhecimento e buscam firmemente isto através das oportunidades de formação, evidenciando e orgulhando-se das atividades que desenvolvem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo procurou compreender a contribuição da formação para a organização das mulheres pescadoras do município de sumé e especificamente caracterizar o processo de organização das mulheres pescadoras mapeando os processos formativos desenvolvidos com as mesmas e as suas percepções sobre a contribuição desse processo para sua organização.

Encontramos em campo um processo organizativo/formativo específico para as mulheres, que surge partir do momento em que elas percebem dentro do contexto da associação uma necessidade específica de organizarem enquanto mulheres produtoras, desta forma

O que podemos perceber com toda revisão de material e informação adquirida, é que se considerarmos as últimas décadas e as mudanças que vem ocorrendo principalmente como resultado das lutas dos povos por direitos, há mudanças significativas para os povos do campo, inclusive sobre as atividades pesqueiras. As atividades que antes eram consideradas como colaboração e que em sua maioria era desenvolvido pelas mulheres passam a ser considerada como atividade pesqueira, LEI 11 959 art. 4º. Nesse sentido todo processo que dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelas mulheres vai gerando uma referência organizativa e legal, e inclusive vai recebendo o apoio da associação de pescadores como um todo, considerando que a Lei, legitima como atividade pesqueira, justamente aquelas que antes eram consideradas, ajuda, e que era desenvolvido principalmente por mulheres. Isso vai fazendo com que surja um empoderamento de auto-afirmação da mulher que também produz e também se reconhece como tal.

Esse novo contexto traz para o trabalho que antes era realizado individualmente a partir do espaço familiar um redimensionamento, com isso passa a existir uma nova configuração tanto do ponto vista da organização, quanto da produção e da identidade, essas três dimensões elas são observadas em conjunto integradas entre si.

Em se tratando da organização as produtoras passam de um sistema de colaboração familiar muitas vezes não remuneradas e desenvolvendo atividades reconhecidas dentro do núcleo, como parceria, para uma organização coletiva onde as atividades serão compartilhadas, e agregadas a novas experiências. Dentro deste mesmo contexto vai surgindo justamente nessa estrutura organizacional uma nova produção que é a de beneficiamento do pescado e do trabalho a partir do artesanato, e que este, por sua vez, gera renda específica, formação e conseqüentemente culmina com o fortalecimento da identidade como sujeito de direito onde se assumem como trabalhadoras despertando assim para a valorização das suas produções, muitas são as vezes que nas falas elas deixam explícito o orgulho em ser mulher e conseguir um

considerável nível de produto, isso quando se dão conta num final de remessa de um freezer totalmente cheio de peixe desfiado e devidamente armazenado.

Esses processos se entrelaçam um não é resultante de outro são dimensões que se cruzam dentro de um processo dialético aonde um vai alimentando e se fortalecendo com a outra e assim vai gerando novas necessidades, embora este movimento e essa complementação sejam observados a partir da inserção da pesquisa, para as mulheres que estão organizadas isso não é percebido desta forma, as falas evidenciam esses aspectos, mas não é percebido pelo próprio grupo,

Portanto, com a elaboração deste trabalho algumas questões foram se apresentando e perpassam pela questão da demanda que vai aparecendo dentro das organizações, e de como as entidades formadoras vão se organizando para suprir compreendendo que exige tanto a necessidade de aprofundamento de conteúdos que venham a suprir as novas demandas que vão surgindo com as necessidades específicas das produções como de metodologias que venham a despertar o envolvimento político reflexivo delas enquanto atores integradas e participantes.

Do ponto de vista político, colocam a necessidade do reconhecimento das mulheres pescadoras como trabalhadora.

Da academia a necessidade de pesquisas em espaços não escolares na perspectiva de compreender como nas relações sociais tanto inter pessoais quanto familiares e comunitária exige uma prática educativa, conseqüentemente existe aprendizagens.

A grande contribuição que essa pesquisa mim proporcionou foi a de poder assumir compromissos: com minha formação pois acredito que consegui compreender a proposta do Curso e portanto assumo este comprometimento realizando esta pesquisa e ao realizá-la contribuo com a academia, pois estou produzindo conhecimento, ao mesmo tempo, considero está sendo coerente e comprometida com a população a qual faço parte. Desta forma cabe aqui fazer referência do quanto o Curso foi importante para o reconhecimento de que sou um ser capaz, com História, e com capacidade de poder construir conhecimento sobre o meu povo, e para o mundo. É tanto que minha motivação é não parar. Assim, o desafio que lanço para o Ensino Superior será o de que precisamos cada vez mais considerar outros espaços de aprendizagens, concebendo assim que todo ser humano é dotado de conhecimento e capacidade de adquirir outros, desde que lhes der oportunidade, confiança e acima de tudo faça com que se sintam capazes.

Assim, espero que este trabalho tenha utilidade para o desenvolvimento de outros, que seja de minha autoria, ou de quem por ventura ao ler, tenha se sentido motivado a responder algumas questões não respondidas.

REFERENCIAS

ÁLVARES, Maria L. M.; MANESCHY, Maria C. **Mulheres na pesca: trabalho e lutas por reconhecimento em diferentes contextos.** Disponível em < http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=12:mulheres-na-pesca-trabalho-e-lutas-por-reconhecimento-em-diferentes-contextos&tmpl=component&print=1> acesso em agosto 2013.

ANDRADE, Flávio Lira. **Pesquisa Participante Como um Processo Pedagógico na Educação Popular.**In: Movimentos Sociais Educação popular no Nordeste/Escola de Formação Quilombo dos Palmares- Recife: EQUIP, 2004.

ARROYO, G.Miguel. **Curriculo sem Fronteiras.** V3, n1, PP. 29-31, jan/jun 2003. Disponível em: < www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articless/arroyo.pdf >.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. - Características da investigação qualitativa. In:_____ **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto, Porto Editora, 1994. p.47-51

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei, nº 11.959, de 29 de junho de 2009.** Normas Gerais da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e Pesca- Brasília, 2009.

BRASIL. Sistema Nacional de Aprendizagem Rural. **Frentes de trabalho do SENAR.** Disponível em: < <http://www.senar.org.br/frentes-de-trabalho-do-senar>> . Acesso em: 05 de Set de 2013.

BURSZTYN, Maciel. **A seca e seus beneficiários.** In:_____ o poder dos donos planejamento e clientelismo no nordeste. Petropolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984.

CARLOS , Erenildo J.; VICENTE, Dafina do S.S. Fundamentos Jurídicos da Educação do campo: rascunhos e achados de pesquisa. In: BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **Movimentos Sociais Estado e políticas Públicas de Educação do Campo: pesquisa e práticas educativas.** João Pessoa: Editora UFPB,2011.

CONTAG. A desigualdade de gênero. In:_____. **Construindo a igualdade políticas públicas para as mulheres rurais.** [s.l]: [s.n], 200?.

CUNHÃ COLETIVO FEMINISTA. **Sobre.** Disponível em: <<http://cunhanfeminista.org.br/cunha/sobre>>. Acesso em: 04 de set. 2013.

FREIRE, Paulo; JARA, Oscar.; REZENDE, Vália. **Movimentos sociais e educação popular no nordeste.** [s.l]: Escola de Formação Quilombo dos Palmares, 2003. (Série educação popular 1).

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativas. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 27. ed. Petropolis: Vozes 2008.

GONH, Maria da Gloria. Educação não formal. In:___ **Educação não-formal e cultura política**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GONH, Maria da Gloria. **Movimentos sociais, cidadania e educação**. In:___ Movimentos Sociais e Educação. 6. Ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2005.

JESUS, Sonia Meire S. Azevedo. Pesquisa em Educação do Campo e seus Vínculos com as Práticas Sociais .In:___ Movimentos Sociais Estado Políticas Públicas de Educação do Campo: pesquisas e práticas educativas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salette (orgs). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas..** Brasília, DF: Articulação nacional por uma Educação do Campo, 2002. (Coleção Por uma Educação do Campo, n° 4).

LUNAS, Alessandra da C.; ROCHA, Eliene Novaes. Histórico e luta do MSTTR pela construção de políticas públicas de Educação do Campo. In: LUNAS.; ROCHA.; (org). **Práticas pedagógicas e formação de educadores do campo: caderno pedagógico de educadores do campo**. S.ed. Brasília: Dupligráfica, 2009.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília. de Souza. **Pesquisa Social – teoria, método e criatividade**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NORONHA, Olinda Maria. Pesquisa Participante: repondo questões teórico-metodológicas. In: **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez 2010.

SILVA, Carmen Silvia Maria da. Os Movimentos Continuam Vivos. In: **Movimentos Sociais Educação Popular no Nordeste**. Recife: Equip, 2004.

SILVA, M. S. Tentativa de construir uma teoria pedagógica para impregnar o mundo de sentido : Saber, Querer, Sentir e Poder. In: LUNAS; ROCHA.; (org). **Práticas pedagógicas e formação de educadores do campo: caderno pedagógico de educadores do campo**. Brasília: Dupligráfica, 2009.

SILVA, Maria do Socorro. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Sustentável:uma relação necessária nas políticas públicas de educação**. In: Reflexões sobre o fazer pedagógico na formação de lideranças e dirigentes sindicais rurais: Desenvolvimento territorial com ênfase na educação do campo. Brasília, DF. CONTAG, 2010.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educação Popular Metamorfoses e Veredas**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **A educação Nacional e as Diretrizes Operacionais**. in: Educação do Campo

APÊNDICE - A

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM LIDERANÇA DA ASSOCIAÇÃO DOS PESCADORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO- CDSA
UNIDADE ACADEMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO- UAEDUC

Roteiro - entrevista com liderança da associação dos pescadores

- a) Como e quando começou a organização das mulheres pescadoras?
- b) Quais as ações educativas desenvolvidas pela organização?
- c) As ações desenvolvidas estão vinculadas com aspectos políticos, culturais e sociais da história desses sujeitos? Quais?
- d) Quando e porque começou as atividades formativas?
- e) Existem parcerias no trabalho de formação? Qual o papel delas?
- f) Quais os desafios, dificuldades e /ou necessidades no desenvolvimento das ações da organização?
- g) O trabalho de formação contribui para a organização da associação? Por quê?

APÊNDICE- B

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PESCADORAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO- CDSA
UNIDADE ACADEMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO- UAEDUC

Roteiro - entrevista com as pescadoras

I - Dos processos de formação existente para as mulheres pescadoras.

Como e quando começou a organização das mulheres pescadoras?

Quais ações educativas existem e quais você participa?

Sobre as formações:

Porque surgiu?

Quando surgiu?

Qual a contribuição individualmente e coletivamente?

Como você ver o papel dos parceiros no processo de formação?

Quais os desafios e dificuldades enfrentados pela organização das mulheres?

II – Da produção existente.

O que é produzido? E desde quando?

Qual o processo de produção?

Como adquiriram a técnica de produção?

Qual a contribuição do(s) processo(s) de formação para a organização da atividade produtiva?

A atividade produtiva tem trazido alguma contribuição significativa individualmente e coletivamente? Quais?

APÊNDICE- C

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A ARTICULADORA CUNHÃ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO- CDSA
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO- UAEDUC

Roteiro - entrevista com a articuladora Cunhã

1. Como e porque começou o trabalho de formação com as mulheres pescadoras?
2. Qual a finalidade do projeto autonomia?
3. Qual a importância da formação, para a produção?
4. Quais as mudanças que são percebidas no grupo de mulheres?
5. Quais as principais dificuldades no trabalho com as mulheres pescadoras de Sumé?